



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



VALDEVINO HARISON AMAJUNEPÁ

**ENSINO DA LÍNGUA BALATIPONE: BRINCADEIRA XIRIPA COMO
ESTRATÉGIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**

**BARRA DO BUGRES
ABRIL/2024**

VALDEVINO HARISON AMAJUNEPÁ

**ENSINO DA LÍNGUA BALATIPONE: BRINCADEIRA XIRIPA COMO
ESTRATÉGIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**

TEACHING THE BALATIPONE LANGUAGE: XIRIPA PLAY AS A TEACHING-
PEDAGOGICAL STRATEGY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEICIL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e linguagens em contexto intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Centurion
Gambarra e Gomes

BARRA DO BUGRES-MT
ABRIL/2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Amajunepa, Valdevino Harison.

Ensino da Língua Balatipone: brincadeira Xiripa como
estratégia didático-pedagógica / Valdevino Harison Amajunepa. -
Barra do Bugres, 2024.

80 f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientadora: Dra. Rejane Centurion Gambarra e Gomes.

1. Revitalização. 2. Língua. 3. Balatipone. I. Gomes, Rejane
Centurion Gambarra e, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 81'232

VALDEVINO HARISON AMAJUNEPÁ

**ENSINO DA LÍNGUA BALATIPONE: BRINCADEIRA XIRIPA COMO ESTRATÉGIA
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH – da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 12 de abril de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **REJANE CENTURION GAMBARRA E GOMES**
Data: 03/05/2024 22:39:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rejane Centurion Gambarra e Gomes
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **LUCIMAR LUISA FERREIRA**
Data: 15/04/2024 22:31:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lucimar Luisa Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Examinadora interna

Documento assinado digitalmente
 **STELLA VIRGINIA TELLES DE ARAÚJO PEREIRA L**
Data: 03/05/2024 11:18:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Examinadora externa

Dedico este trabalho, com imensa gratidão, ao meu povo Balatipone.
À minha mãe Gracilda Gonçalves Amajunepa.
Ao meu pai Silvio Amajunepa.
E a todos os meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao criador (Haypuku), por me conceder esta vida, cheia de bênçãos e maravilhas, e por permitir vivê-la aqui, com este povo aguerrido, destemido e valente. Gratidão, Haypuku, por todas as bênçãos a mim conferidas. Gratidão por todas as provas concedidas por ti. Estas me fizeram avançar, sair do comodismo e ir além. Me fizeram mais forte, capaz de superar barreiras e transcender obstáculos. Gratidão, Haypuku, meu criador, sua sabedoria e luz, permitiu-me crescimento espiritual, e vai moldando-me, transformando-me em um ser mais empático, mais humano.

Agradeço aos meus avós paternos e maternos, *in Memorian*, pela existência de meus pais, Silvio Amajunepa e Gracilda Gonçalves Amajunepa, pois sem eles a conclusão deste trabalho e muitos dos meus sonhos não se concretizariam. Aos meus irmãos e a todos os meus sobrinhos. E também às pessoas com quem convivi no longo desses anos.

Sou extremamente grato a todos os anciãos Balatipone, que não se encontram mais neste plano físico, no entanto, deixaram suas memórias para a realização deste trabalho: Jula Pare, Apikore Amajunepa, Inês Bakonepa, Antônio Wapodonepa, Joaquim Kupodonepa e Jovail Amajunepa.

Gratidão a todos os moradores da aldeia Umutina e a todo o povo Balatipone que contribuíram de forma direta e indireta para a realização desta pesquisa.

Com grande estima e apreço, agradeço àquela que sempre esteve ao meu lado apontando caminhos e mostrando soluções. Que sempre se mostrou carinhosa, paciente e gentil comigo. Esta adorável e encantadora pessoa, professora Rejane Centurion.

Gratidão.

RESUMO

O objeto desta pesquisa é um trabalho de ensino da língua Balatipone, cujo objetivo principal é procurar revitalizar a utilização desta língua em sala de aula com as crianças do próprio povo, alunos das séries iniciais da Escola Municipal Indígena Jula Paré, localizada na aldeia Umutina, no município de Barra do Bugres- MT. A justificativa desta pesquisa é porque a língua Balatipone não está mais sendo falada, se encontrando em um estado de dormência, sem uso. Então, busca-se trabalhar com ela procurando revitalizá-la através do estudo do léxico e da sintaxe, a partir de um jogo lúdico. O trabalho foi desenvolvido com os alunos utilizando uma brincadeira tradicional em seu espaço habitual, e foi registrado através de filmagem, para coletar dados, palavras e frases. A partir disso, desenvolveram-se atividades sobre o estudo da língua Balatipone na perspectiva da palavra e da frase, por meio de diferentes atividades realizadas em sala de aula. As atividades foram divididas em seis etapas e aconteceram entre os meses de março a junho do ano de 2023. Como referências deste trabalho, temos Schmidt (1941), Schultz (1953), Lima (1995), Quezo (2010), Cruz (2012), Huare (2015) e anciões. Esta pesquisa proporcionou resultados bastante satisfatórios em sala de aula, através de atividades diversificadas produzidas pelos alunos, e fora da escola, também, através da continuidade da brincadeira xiripa nos córregos e rios do território, bem como em outros espaços da comunidade.

Palavras-chave: Revitalização da língua Balatipone – Brincadeira Xiripa – ensino-aprendizagem – atividades lúdicas

ABSTRACT

The object of this research is teaching the Balatipone language, whose main objective is to seek to revitalize the use of this language in the classroom with the children of the people themselves, students in the initial grades of the Municipal Indigenous School Jula Pará, located in the Umutina village, in the municipality of Barra dos Bugres - MT. The justification for this research is because the Balatipone language is no longer being spoken, being in a state of deep dormancy, unused. So we seek to work with it, seeking to revitalize it through the study of lexicon and syntax, based on a playful game. The work was developed with the students using a traditional game in their usual space, and was recorded using film to collect data, words and phrases. From this, activities were developed on the study of the Balatipone language from the perspective of words and sentences, through different activities carried out in the classroom. The activities were divided into six stages and took place between March and June of the year 2023. As references for this work we have Schmidt (1941), Schultz (1953), Lima (1995), Quezo (2010), Cruz (2012), Huare (2015) and elders. This research provided very satisfactory results in the classroom, through diverse activities produced by students, and outside of school, also, through the continuity of xiripa games in the territory's streams and rivers, as well as in other spaces in the community.

Keywords: Xiripa Play – revitalization of the Balatipone language – teaching-learning – playful activities

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Mapa da Terra Indígena Umutina
- Figura 2: Mapa da localização da Terra Indígena Umutina
- Figura 3: Planta baixa da escola Otaviano Calmon
- Figura 4: Fachada frontal da escola Otaviano Calmon
- Figura 5: Fundos da Escola Otaviano Calmon
- Figura 6: Inscrição na parede com o ano de criação da escola Otaviano Calmon
- Figura 7: Placa de inauguração do novo prédio escolar Otaviano Calmon
- Figura 8: Fundos da nova unidade escolar Otaviano Calmon
- Figura 9: Placa de inauguração da nova unidade escolar Julia Pare
- Figura 10: Fachada frontal da nova unidade escolar Julia Pare
- Figura 11: Placa de inauguração da unidade escolar municipal Julia Pare
- Figura 12: Fachada frontal da nova unidade escolar municipal Julia Pare
- Figura 13: Professor, pais e alunos, na escola da aldeia Bakalana
- Figura 14: Alunos da escola Macepo, extensão da Escola Julia Pare municipal
- Figura 15: Professor Valdevino H. Amajunepa e alunos da antiga Escola Otaviano Calmon
- Figura 16: Cacique Jovail Amajunepa. Intercâmbio intercultural. Aldeia Umutina
- Figura 17: Apresentação de dança – Intercâmbio Cultural
- Figura 18: Prof. Valdevino H. Amajunepa - intercâmbio intercultural na Aldeia Umutina
- Figura 19: Jovens Balatipone e o professor Valdevino H. Amajunepa dançando Minixuarê
- Figura 20: Intercâmbio cultural, professores - contação de histórias
- Figura 21: Ancião Julia Pare
- Figura 22: Julia Pare contando história em sua residência
- Figura 23: Crianças Balatipone brincando de Xiripa no córrego 18
- Figura 24: Crianças Balatipone brincando de Xiripa no Rio Paraguai
- Figura 25: Crianças Balatipone brincando de Xiripa no Rio Bugres
- Figura 26: Cartaz com palavras em Balatipone/Português
- Figura 27: Lousa do ditado de palavras Português/Balatipone
- Figura 28: Ilustração da Xiripa, produzida por Tami M. Corezomaé – 4º ano
- Figura 29: Palavras proferidas pelas crianças durante a brincadeira Xiripa
- Figura 30: Quadro de palavras de tradução com tarjetas Balatipone/Português
- Figura 31: Tradução com tarjetas do quadro de palavras Balatipone/Português
- Figura 32: Quadro de palavras traduzido, com tarjetas Balatipone/Português

Figura 33: Aluno construindo frases na língua Balatipone.

Figura 34: Alunos construindo frases na língua Balatipone

Figura 35: Lousa com frases na língua Balatipone construídas pelos alunos

Figura 36: Leitura e escrita na língua Balatipone

Figura 37: História em quadrinhos na língua Balatipone, autora Anielly Boroponepa – 5º ano

Figura 38: História em quadrinhos na língua Balatipone, autor Cristian Apodonepa – 4º ano

Figura 39: História em quadrinhos na língua Balatipone, autor Saymon Apodonepa – 3º ano

Figura 40: Ilustração da brincadeira Xiripa

Figura 41: Ilustração da brincadeira Xiripa

Figura 42: Ilustração da brincadeira Xiripa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
PI	Posto Indígena
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O POVO BALATIPONE.....	15
1.1. DENOMINAÇÃO E AUTODENOMINAÇÃO.....	15
1.2. MITO DE ORIGEM E BREVE HISTÓRICO.....	17
1.3. A EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE.....	25
1.4. O PAPEL DO PROFESSOR.....	37
2. A LÍNGUA BALATIPONE.....	50
2.1. O SILENCIAMENTO DA LÍNGUA BALATIPONE.....	51
2.2. A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA COMUNIDADE.....	52
2.3 DOCUMENTOS E OBRAS DE REFERÊNCIA PARA O ENSINO DA LÍNGUA BALATIPONE.....	53
3. BRINCADEIRA XIRIPA E ENSINO DA LÍNGUA BALATIPONE.....	60
3.2. A PROPOSTA DE ENSINO.....	60
3.3. A BRINCADEIRA XIRIPA.....	61
3.4. BRINCADEIRA, APRENDIZADO E PRODUÇÃO.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
CONSULTORES NATIVOS.....	79
REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de pesquisa realizada sobre a revitalização da língua Indígena do povo Balatipone, desenvolvida com crianças da própria etnia, cujo tema é de extrema relevância para o povo, visto que compreende a importância da língua, que é o vínculo específico e próprio de comunicação entre o grupo, mas principalmente a comunicação com a espiritualidade. E do mesmo modo, reconhece a língua com um elemento de extrema importância que compõe a estrutura da identidade étnica e cultural do povo Balatipone. Sendo assim, esta pesquisa busca contribuir e implementar outros meios, aos objetivos fundamentais na luta deste povo, pela revitalização da língua materna de seus ancestrais.

Após o contato denominado “pacífico” entre os Balatipone e os não indígenas, ocorrido em 1912, o povo enfrentou ameaças, torturas, castigo e proibições às suas práticas culturais e ao uso da língua materna. Tal tirania e a censura ao povo, assim como também, a morte dos anciãos, provocaram de forma direta a interrupção na transmissão dos conhecimentos tradicionais. Por isso, a língua Balatipone não está mais sendo falada, encontrando-se em desuso num estado de dormência profunda. Desse modo, surge a presente pesquisa como contribuição ao trabalho de revitalização da língua Balatipone, por meio do estudo do léxico e sintaxe, a partir de uma brincadeira tradicional denominada Xiripa.

A pesquisa foi desenvolvida com os alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Indígena Julia Pare, centralizada na aldeia Umutina, no município de Barra do Bugres - M.T, a princípio, por meio das práticas de uma atividade lúdica tradicional do povo Balatipone, denominada Xiripa. As atividades práticas foram registradas por meio de filmagem para coletar dados para análise. A partir disso, foram elaboradas atividades de estudo desta língua, nas perspectivas da palavra e da frase. Somente, então, depois disso, foram desenvolvidas, em sala de aula, atividades diversificadas de ensino da língua Balatipone, as quais ocorreram entre os meses de março a julho de 2023.

As principais referências que subsidiaram esta pesquisa foram os trabalhos de Schmidt (1941), Schultz (1953), Lima (1995), Quezo (2010), Cruz (2012), Huare (2015) e especialmente, a consulta e a participação ativa dos anciãos e dos lembrantes da língua na comunidade.

Os resultados alcançados foram satisfatórios atendendo aos objetivos da pesquisa durante as aulas extraclasse e dentro da sala de aula nas diversas atividades produzidas pelos alunos, mas acima de tudo, no reavivamento da brincadeira entre as crianças durante os banhos no córrego e nos rios do território, e principalmente pelo uso de palavras e frases da língua dos Balatipone.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro, abrir-se-á destaque sobre o mito de origem do povo, sobre os processos históricos da entrada da educação escolar entre os Balatipone, bem como sobre os primeiros professores da comunidade e suas metodologias, e como se desenvolveu a educação escolar até o presente momento. Tratamos das causas que levaram o povo a perder a língua materna e da missão do professor Balatipone e seus dilemas na luta pelo resgate e fortalecimento da língua materna, assim como da cultura como um todo, destacando as estratégias e os recursos didático-pedagógicos desenvolvidos por eles para ensinar a língua Balatipone.

No segundo capítulo, o leitor encontrará no decorrer do texto, informações sobre a língua Balatipone e os processos históricos sofridos que levaram ao desuso e silenciamento desta língua entre seus falantes. Descobrirá elementos importantes sobre a situação em que a língua Balatipone se encontra atualmente na comunidade, assim como, a resistência do povo e os mecanismos encontrados por eles para a revitalização de sua língua ancestral. Encontrará referência aos dispositivos legais que amparam a educação escolar indígena e um destaque sobre as obras e autores que sustentam esta pesquisa, assim como auxiliam no trabalho do professor Balatipone em sala de aula sobre o ensino da língua materna.

No terceiro capítulo deste trabalho apresenta-se a proposta de trabalho desenvolvida com os alunos das séries iniciais da Escola Municipal Indígena Jula Pare, a partir de uma brincadeira tradicional do povo Balatipone, denominada Xiripa.

1. O POVO BALATIPONE

Neste capítulo, o leitor encontrará informações sobre o povo Balatipone, de onde veio, primeiras informações sobre a existência desse grupo étnico, mitos e crenças, língua, território e população. Aqui, também abrir-se-á um destaque, extremamente importante, quanto à denominação e autodenominação desse povo, assim como os motivos que nos levaram a escrever, ao longo do texto, somente a autodenominação Balatipone.

1.1 Denominação e autodenominação

Assim como todas as etnias foram denominadas pelos não indígenas e por outros povos indígenas, por alguns traços marcantes específicos e exclusivos de cada grupo, o mesmo ocorreu com os Balatipone¹, e foram chamados de Barbados ou Barbudos, Umotina e Umutina.

“Barbados ou Barbudos” foi a denominação imposta pelos colonizadores, quando avistaram pela primeira vez esse grupo de indígenas, pois estes se diferenciavam de qualquer outra etnia por usarem pintura facial imitando a barba, cuja pintura denomina-se *wahelati*, e também pelo uso de barbas postiças confeccionadas por eles, do pêlo do macaco bugio ou do cabelo de suas esposas, denominadas *wakixi*.

Os Balatipone também foram chamados de *Umuti*, pelos povos da etnia Pareci e Nambiquara, na década de 1.930, período em que indígenas, membros destes dois grupos étnicos, foram levados para o território dos Balatipone com a finalidade de promover casamentos interétnicos e aumentar a população, e dessa forma, garantir a ocupação territorial. Também foram denominados de *Umotina*, por Oberg e Schmidt, e de *Umutina* por Schultz. Percebe-se uma certa semelhança nestas palavras, e por muito tempo acreditava-se que *Umutina* significava “índio branco”, pois na língua do povo Indígena Pareci, *Imuti* significa branco, não índio, porém, *Umuti* origina-se da palavra *Uamuti*, que na cultura indígena Pareci é o nome de um ser espiritual maligno que aprisiona o espírito humano provocando doenças e causando a morte. Com o passar dos anos, esta denominação passou a ser pronunciada Umutina.

Não observei vida social ativa entre eles, nem desentendimentos evidentes entre estes grupos indígenas de língua tão diferente; observei contudo o costume de apelidaram-se depreciativamente, chamando os Umutina de *kayelaháre* - feios, seus vizinhos Paressi, ao que estes respondem com *Oikákoré*, o que significaria o mesmo (Schultz, 1962. p. 88).

¹ Balatipone: Palavra da língua materna do próprio povo Balatipone. Segundo Lima (1995, p. 63), em Umutina, o acento de intensidade é predizível na última sílaba. De fato, na língua Balatipone, geralmente, na grande maioria das palavras, a última sílaba possui maior intensidade. Sendo assim, o autor reconhece a palavra “Balatipone” como uma palavra oxítona e por isso optou por não acentuar.

De fato, o autor permaneceu um determinado período entre os *Balatipone*, e talvez por isso, não foi tempo o suficiente para presenciar ocorrências inapropriadas entre os grupos que residiam no Posto Fraternidade Indígena, atual aldeia Umutina.

Entretanto, ambos os termos são totalmente pejorativos, que outrora, foram empregados pelos indígenas das etnias Pareci e Nambiquara e eram proferidos com nojo, aversão, repulsa e desprezo pelos *Balatipone*, pois em muitas das suas provocações, que ocorriam naquela época, chamavam os *Balatipone* de *umutina kaialaháre* (aberração, imundo, sujo, nojento, porco) e também *umutina oikákoré* (expressado em termos pejorativos equivale a povinho, grupinho, gentinha, coitadinho). E segundo Inês Bakonepá (*in memorian*) e Gracilda Gonçalves Amajunepá, ambas expressões provocavam muita discórdia, desentendimentos e muitas vezes terminavam em enfrentamentos físicos entre os grupos.

Quanto ao termo “*Balatipone*” é uma palavra que, na cultura deste povo, tem origem na palavra *balati* que significa “borboleta”, e a palavra *po* significa “rio”, logo “*balatipo*” significa “borboletas do rio”, porém, *Balatipone* possui um sentido mais intenso e profundo, pois refere-se exatamente ao processo de transformação da borboleta, ou seja, a metamorfose. Por isso, a tradução que mais se aproxima na língua portuguesa é a expressão “gente nova, nova geração, povo novo ou geração atual”, pois refere-se exatamente àqueles que, assim como a borboleta, se transformaram, renasceram, ressurgiram, reapareceram marcando sua existência e assinalando a sua resistência física, linguística e cultural ao longo da sua trajetória nesta região, e acima de tudo, transformando e enriquecendo culturalmente conhecimentos adquiridos há tempos imemoriais, garantindo a permanência e sobrevivência do povo *Balatipone*.

Não se sabe, porém, ao certo, quando surgiu a autodenominação *Balatipone*, se é uma autodenominação antiga ou se é recente. Segundo Apikore Amajunepá (*in memorian*) que ouviu de seu pai *Amaju*, assim como Gonçalves ouviu de Maxipá (*in memorian*), o termo pode ter surgido no período em que esse povo chegou na região, que hoje é Barra do Bugres. Acredita-se que foi por volta do início do século XVIII, período em que esse grupo habitou as terras das margens do Rio Branco, denominado por eles de *Balatipo* e quando adentraram no território, onde hoje habitam, já se autodenominavam *Balatipone*.

Conclui-se aqui, este breve esclarecimento sobre as terminologias das denominações impostas a essa etnia, assim como elucida o real sentido da autodenominação do próprio povo. Sendo assim, e buscando valorizar a auto afirmação, nesta pesquisa o autor preferiu referir-se a esse povo, somente pelo termo *Balatipone*, pois, de fato, os *Balatipone* ressurgiram,

reapareceram se reinventando e ressignificando através da revitalização, resgate e fortalecimento de seus valores étnicos-culturais e, hoje representam, uma nova geração.

1.2 Mito de origem e breve histórico

Os Balatipone são um povo indígena que, ao longo dos séculos, habitaram as vastas terras da região central na Amazônia brasileira, hoje conhecidas como Mato Grosso, desde tempos imemoriais. Tradicionalmente, caçadores e pescadores, pertencentes ao tronco linguístico Macro Jê da família Bororo. Sua história remonta a tempos ancestrais, período em que eles desenvolveram suas tradições, formas de organização social e seus costumes únicos.

Na cultura do nosso povo, a vida humana iniciou-se com o mito denominado “A origem da vida”, conforme narrado a seguir, a partir de meus avós paternos Apikoré Amajunepá (*in memorian*) e Inês Bakonepá (*in memorian*).

No início do mundo, *Haypuku* (Deus) vivia sozinho. Não havia outras pessoas para lhe fazer companhia. E pensando nisso ele teve uma ótima ideia. E resolveu fazer alguns experimentos.

Então, *Haypuku* (*o criador, Deus*), primeiro, juntou os frutos da bacaba do campo. Frutos macho e fruta fêmea. Foi juntando, juntando e deixou ali de lado. À noite, ele se assustou, pois estava ouvindo vozes. Então, foi verificar e ficou muito feliz com o que encontrou: os frutos haviam se transformado em pessoas e *Haypuku*, agora, não estava mais sozinho, estava contente com seus companheiros.

Haypuku continua com seu experimento. Desta vez, ele juntou frutos da figueira de folha larga. E foi juntando. Juntando de palmo a palmo. E quando terminou de completar um determinado comprimento, deixou ali, de lado. De noite, ele ouviu vozes novamente e foi ver o que era. Quando avistou, ficou muito alegre, pois os frutos da figueira de folha larga também haviam se transformado em pessoas. E ele ficou muito contente com a população que já ficara bastante numerosa.

Então, *Haypuku* fez outro experimento. Desta vez, juntou frutos da bacaba do mato. E novamente, deixou ali de lado. Deste, surgiram dois casais, ambos de cabelos longos. E também foram morar com ele.

Apesar de já ter bastante companheiros, *Haypuku*, ainda não estava satisfeito e pretendia aumentar ainda mais a população. Buscou fazer experimento com o mel da abelha tatá. Desta experiência, surgiu um casal, ambos sem cabelos, que também foram morar com ele.

Quando a população criada por *Haypuku* já estava bastante numerosa, aconteceu com ele algo inesperado. Suas panturrilhas começaram a crescer como uma barriga de gestante.

Então ele procurou um pé de figueira. E das suas pernas nasceram quatro crianças. Da sua panturrilha direita, nasceram um menino e uma menina *Habucé*,² e da esquerda, um menino e uma menina *Wace*.³

Haypuku mandou fazer presentes para as crianças. Duas *ametá* (saia) para as meninas e dois *boeka* (arco) para os meninos. As crianças *wace*, não gostaram de seus presentes, mas as crianças *Habucé* gostaram muito do que ganharam. E apesar disso, as crianças nascidas das panturrilhas de *Haypuku* não quiseram morar com ele, optaram por ir embora.

Então, *Haypuku* perguntou para as crianças:

- E para onde vocês vão?
- Rio Paraguai abaixo! responderam as crianças *wace*.
- E nós, rio Paraguai acima! falaram as crianças *Habucé*.

Haypuku ficou muito triste, mas consentiu o desejo das crianças e permitiu que elas fossem embora e povoassem outros lugares. E assim surgiram os povos que povoaram o mundo na cultura Balatipone.

Este mito pode ser encontrado na obra de Schultz (1952):

Antigamente, Haipuku (Deus) vivia sozinho no mundo e para sua companhia, foi fazer vários experimentos.

Primeiro então, ele juntou bacava do campo, fruta macho e fruta fêmea, vai juntando, juntando e juntando e deixa ali. À noite Haipuku, fica assustado com conversas e, quando vai verificar, as frutas tinham virado gente. Haipuku fica muito alegre, satisfeito com os companheiros.

Haipuku foi experimentar fruta de figueira de folha larga, juntou, juntou até dar um comprimento, deixando ali de lado. À noite, ouviu conversa de gente e foi ver, a fruta de figueira da folha larga tinha virado gente.

Então ele já tinha muita gente. Experimentou novamente juntar fruta da bacava do mato, juntou, juntou e saiu gente de cabelo comprido, dois homens e duas mulheres, dois casais.

Para aumentar mais pessoas experimentou com mel de tatá. Saiu um casal com a cabeça pelada. Haipuku já tinha bastante povo, muito povo, criou

² Habucé: denominação imposta pelos Balatipone a um determinado grupo de indígenas. Segundo Schmidt, esses seriam o povo Pareci. Schultz deduziu que seriam os Nambiquaras e Jula Pare, também acreditava ser estes, porém, é impossível afirmar tais deduções, pois segundo Schultz (1962, p. 90, 91), os Habucé usavam as mesmas indumentárias dos Balatipone e teria sido com eles que aprenderam a praticar os rituais e os cantos que compõem o grande cerimonial Adoê. Além disso, afirmavam que os Habucé habitavam a região do Rio Bugres até à cabeceira do Rio Paraguai, cuja descrição confere com as narrativas dos anciãos da geração atual. Estes ainda afirmam que os Balatipone e os Habucé falavam a mesma língua. Não se sabe ao certo, mas acredita-se que esse grupo foi extinto, pois não visitaram mais os Balatipone. Do mesmo modo, acredita-se, que os Habucé poderiam ser os parentes mais próximos que os Balatipone teriam tido, pois diante de tantas afinidades, acredita-se, ainda que hipoteticamente, que os Habucé teriam sido do mesmo grupo dos Balatipone, e estes, em tempos imemoriais, se desmembraram do grupo maior e teriam percorrido o Rio Paraguai acima. Somente assim para justificar tanta semelhança cultural entre ambos os grupos.

³ Wace: palavra da língua Balatipone que significa não índio, branco, estranho.

barriga de perna por dois lados, ficou apavorado e procurou um pé de figueira, então racharam as pernas e nasceram quatro crianças, dois meninos e duas meninas. As crianças não quiseram ir com ele pra sua casa.

Haipuku mandou fazer um ametá para as meninas e um arco para os meninos, aos dois civilizados. A menina civilizada não ajeitou com o ametá e o menino civilizado não ajeitou com o arco. Eles não quiseram ir com ele acompanhar na sua casa. Então o menino e a menina indígena ajeitou com o ametá e o arco.

Haipuku falou para eles morarem com ele, em sua casa, mas eles não quiseram ir. Então, Haipuku disse: “Para onde vocês vão?”. Eles disseram: “os civilizados, para a direção do Rio Paraguai, para baixo e as crianças indígenas, em direção ao Rio Bugre para cima”. Assim surgiu a origem da vida do povo Umutina, Haipuku fez esses experimentos com frutas de bacava e a fruta da figueira, e assim criou companheiros para ele no mundo.

Schultz foi um etnólogo que conviveu um determinado período entre os Balatipone, mais especificamente, entre os anos de 1943, 1944 e 1945, e teve a oportunidade de realizar diversos registros sobre a cultura e língua desse povo.

Atualmente, a mitologia é narrada pelos anciãos do povo Balatipone a todas as crianças e adolescentes do território na escola Jula Pará. Contudo, Schultz (1962) destaca:

Não é todo excluída a possibilidade de terem morado, em tempos remotos, ao noroeste do rio Paraguai, perto das cabeceiras do rio Guaporé, talvez nos rios Barbados e Barbadinho, afluentes daquele rio; porém nos mitos indicam claramente que a bacia do rio Paraguai é a terra de sua origem, pois, Haipuku, ancestral divino da tribo, considerado o criador dos homens, ao indicar a terra aos seus filhos, as divide em duas partes.

Apesar disso, as primeiras informações mais precisas a respeito da existência do povo indígena Balatipone aparecem no ano de 1797, por Ricardo Franco de Almeida Serra, em “Extracto da descrição geografia da Província de Mato Grosso”, onde aponta que as aldeias desse povo estavam localizadas na foz do rio Sepotuba. Conforme Schutz (1962):

O pequeno rio Cabaçal, também aurífero, entra no Paraguay pela mesma margem de oeste, três léguas inferiormente a foz do Sepotuba. Neste último rio vive a nação de índios barbados, mansa e valente, assim chamada por ser a única nação deste districto que, tendo copiosas barbas se distinguem das outras nações.

Outros documentos a respeito dos Balatipone surgem no livro intitulado: *Uniter den Naturvolkern Zentral-Brasiliens* às laudas 549 e 551, de autoria de Karl Von Den Steinen, extraído do Arquivo da Directoria de Índios em Cuiabá, onde descreve:

Barbados. Somente uma aldeia na vertente da serra dos Parecis, acima das nascentes do rio Vermelho, afluente do rio Paraguai. Na região deste vagueiam mesmo até o rio Paraguai. Milho, mandioca, bananas, cará, utensílios de pedra e de cerne. Não tem criação de gado ou indústria. Não vivem em guerra com outras tribos. Fogem dos brasileiros, porém, são traidores, pois por duas vezes atacaram viajantes entre Diamantino e Vila Maria (Schultz, 1962, p.75).

Outro registro importante a respeito desses índios é descrito por Severiano da Fonseca em sua *Viagem ao redor do Brasil*, 1875-76, onde afirma: “*Os rios dos Barbados e o Barbadinho receberam estes nomes, devido à existência em suas margens, destes índios que se fazem notar, entre outros, pelo uso de barbas*” (Schultz, 1962, p.75).

Os antigos Balatipone afirmavam para Schultz, com certa frequência, que antigamente moravam às margens do rio Sepotuba (kêpô), e lá viviam em várias aldeias possuindo extensos roçados. Naquela época, havia cerca de mais de mil nativos. E o seu território tradicional compreendia desde o vale do kepô (Rio Sepotuba), Olaripô (Rio Paraguai) e Xopô (Rio Bugres), porém, nas suas narrativas mitológicas estes afirmavam que seu domínio chegava à região do Rio Cuiabá (Bárupe).

Os Umutina viviam antigamente na margem direita do rio Paraguai, aproximadamente entre os rios Sepotuba e Bugres, estendia-se desde aquela região até o rio Cuiabá. Seus vizinhos teriam sido Bororo da Campanha e os Bororo Orientais, os Guató do Médio rio Paraguai e os Paresi e Nambiquara ao norte, com os últimos parecem ter tido relação hostil (Schultz, 1952, p. 82).

Os Balatipone abandonaram a foz do Sepotuba e subiram o rio Paraguai para fugir do contato violento com os *wace* (não índios) que invadiram seus territórios naquela região.

Após a invasão daquelas terras pelos civilizados, subiram o Rio Paraguai, para fugir dos ataques dos civilizados, dizendo que às vezes eram forçados a deixarem suas terras tão repentinamente, que nem podiam levar todos os bens, nem tampouco as mudas de suas roças (Schultz, 1962, p. 76).

Tempos mais tarde, localizaram suas aldeias as margens do Rio Bugres.

Localizaram, então, suas aldeias na foz e nas margens do rio Bugres (Helatino-pô-páre), afluente do alto rio Paraguai. Mas, em seguida, foram novamente reachados pelos neobrasileiros, quando êstes começaram a invadir suas matas, em busca de raízes de ipecacuanha (Schultz, 1962, p.76).

Ainda segundo o autor, seu informante Jukuepa contava-lhe que seu avô afirmava constantemente que antigamente moravam em três grandes aldeias na margem esquerda do rio Bugres.

O avô de Jukuepa, já falecido, contava a este, um dos mais velhos da aldeia, que os Umutina, moravam em três aldeias, na margem esquerda do Rio Bugres, distante de sua foz. Seu domínio era limitado pelos rios Jaúquara, Paraguai e Bugres (Schultz, 1962, p. 76)

Tais fatos coincidem com as informações de Augusto Leverger (1862, p. 290-1) (*apud* Schultz, 1962, p.76):

3 léguas mais baixo, entra pela margem direita, um riacho de canoa a que alguns chamam Rio Branco, outro Rios dos Bugres ou dos barbados e também Tapirapoan. Nas cabeceiras deste riacho, está o aldeamento dos índios barbados. Seu número anda por 400. Sustentam-se de caça, da pesca, dos frutos espontâneos do solo e de milho, mandioca, batata e carás que plantam, cultivando a terra com instrumentos feitos de pedra, e de madeira de cerne. Vivem em paz com outras nações indígenas. Posto que pouco distante das nossas povoações, nunca tiveram nem procuraram ter relações conosco. Descem às vezes até a margem do Paraguai. Tem sucedido atacarem canoas que iam do Diamantino para Villa Maria, e se não nos hostilizam mais frequentemente é de medo das nossas armas.

Somente a partir de então, têm-se dados da localização desse povo às margens do rio dos Bugres, afluente do Alto Rio Paraguai.

Vale ressaltar que, segundo Schultz, apesar do contato com os *wace* ser o motivo principal das constantes migrações dos Balatipone, havia outros fatores culturais que também forçaram essa migração:

Os próprios Umutinas nem sempre indicavam as lutas com os neobrasileiros como único motivo de suas migrações bastante frequentes, mas também causas sobrenaturais tais como: doenças causadas por ações de espíritos; mortandade provocada por monstros, evidentemente de origem mítica e rixas entre os diversos grupos Umutina (Schultz, 1962, p. 77).

Segundo os anciões Balatipone, o senhor Jula Paré e Antonio Wapodonepa (*in memoriam*), assim como a partir de fonte familiar paterna, Apikore Amajunepa e Inês Bakonepa (*in memoriam*), em suas narrativas, afirmavam que os Balatipone vieram das margens do *Kepo* (Rio Sepotuba) fugindo dos *wace* (não indígena) que constantemente invadiam seus territórios naquela região. Afirmavam que nessa trajetória muita gente morreu não só pelas balas

disparadas pelos *wace* como também por outros seres vivos e espirituais. Contavam sobre os ataques de aves gigantes (*Ayjiipoxipa*: Gavião real) que os atacava e carregavam suas crianças. E na tentativa de evitar os ataques, usavam cabaças na cabeça. Assim, quando as aves davam o bote não faziam vítimas.

Ainda nas suas narrativas, contavam, segundo suas crenças, sobre seres espirituais. E sobre isso, destacavam o HORUNO (espírito de doenças), um espírito que atacava suas vítimas durante o sono e as matava. E muitos morriam sentados. Descreviam sobre TULUA, um ser pequeno, no tamanho de uma criança, que atirava suas flechas deixando os Balatipone doentes causando-lhes a morte. Contavam sobre um espírito (cujo nome não se atreviam a pronunciar) que andava durante a noite assobiando e possuía o poder de paralisar as pessoas e assim aprisionar o espírito das vítimas causando a sua morte.

Discorriam, também, sobre TALAKU BORAZA (saracura do céu). Esta ave, segundo suas crenças, descia do céu na captura dos espíritos das crianças. Se os pais as maltratassem, a ave levava embora o espírito dessas crianças. Por isso, os Balatipone não possuíam o costume de punir seus filhos quando estes cometiam algo que os desapontava.

Relatavam ainda, histórias sobre outros seres que habitam as águas como a ZURIMA, HALOBOTU, outro ser com aparência de uma criança negra que possui extrema força e agilidade na água, porém, eles não pronunciavam o seu nome. Contavam de muitos outros em que os Balatipone acreditam.

Segundo os mais velhos, que eram crianças naquela época, ouviam relatos de seus avós, que os Balatipone permaneceram no atual território porque o Rio Paraguai, abaixo e acima, já estava invadido pelos *wace* e não havia mais lugar para construir morada. Afirmavam constantemente, que era preciso defender este lugar, assim como fizeram nossa gente antiga, os Boloriê.

Em 1911, se inicia o processo de pacificação dos Balatipone e do seu declínio populacional, bem como das perdas territoriais, linguística e culturais.

Após o contato, denominado de “pacífico” entre os *Wace* e os Balatipone, esse povo perdeu a língua materna e grande parte da sua cultura material e imaterial, pois com os não indígenas, chegaram também as doenças como coqueluche, sarampo, varíola e tuberculose que tão logo se transformaram em uma grande epidemia e dizimaram a grandiosa, valente e temida população dos Balatipone.

A respeito da mortandade dos Balatipone causada pela epidemia, Schultz (1962, p.85) menciona o relatório do SPI, datado de 1920, R. An (Mato Grosso), às fls. 22 a 25:

Temos que lastima a perda de 1/3 da população desta aldeia que contava umas 300 almas, quando restam unicamente duzentos convalescentes, com aspectos de cadáveres e não dos valentes que pacifiquei. Com que pesar ouvi Boepá falar, momentos depois de sua mulher Paurpé expirar nos braços do bororo Kutipi Bacureus: 'De que nos serve tanta farinha e roupa se morremos todos de moléstias que vocês nos passaram. Agora que todos nós morremos, você que diz ser nosso amigo, porque não nos cura? E éramos impotentes para debelar o mal.

Os poucos que sobreviveram foram proibidos de praticarem seus ritos, de falarem suas línguas e eram severamente castigados pelos funcionários do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), quando desobedecidos. Quantos aos órfãos, estes foram educados segundo os modos de vida dos não indígenas, esquecendo e abandonando os costumes de seus ancestrais. Segundo Lima (1955, p. 17):

Os índios do PI passaram a viver em um regime adverso ao cotidiano tribal, e por imposição de um chefe do posto - Otaviano Calmon - ficaram impossibilitados, sob ameaças e castigos, de falarem a língua materna e de realizarem suas festas e rituais. E foi assim que os índios, em um período relativamente curto, abandonaram muitos dos costumes tribais.

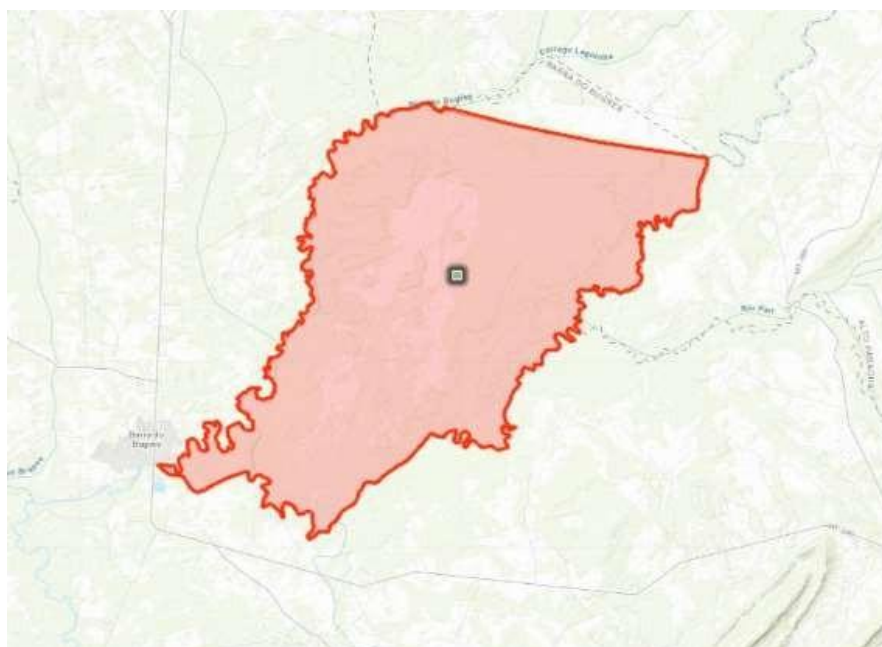
Para evitar a perda da reserva indígena, e com objetivo de promover casamento interétnico, foram trazidas ao território Umutina, na década de 30, indígenas das etnias Pareci e Nambiquara, porém, a chegada desses grupos étnicos provocou muitos conflitos e choque cultural. Apesar disso, o território foi garantido e os casamentos entre etnias diferentes só começaram a acontecer na década de 60. Ainda assim, grande parte da cultura Balatipone foi perdida, e quanto à língua materna, esta, aos poucos, foi caindo em desuso, sendo esquecida e, por fim, adormecida entre seus falantes.

Atualmente, os Balatipone vivem em um território reduzido, denominado Terra Indígena Umutina, demarcada com 28.120 hectares de extensão territorial e homologada sob o decreto de nº 98.144, de 14 de setembro de 1989. O Território localiza-se no município de Barra do Bugres, a pouco menos de 150 km da capital do Estado, Cuiabá. Apresenta o formato de uma ilha fluvial, sendo limitado, à direita, pelo *Xopô* (Rio Bugres) e, à esquerda, pelo *Olaripô* (Rio Paraguai).

Segundo os anciões Maxipá, Apikoré Amajunepá, Antônio Wapodonepá, Joaquim Kupodonepá, Antônio Corezomaé, Pedro Zaizaé, Emiliano Calomezore, (todos *in memorian*), assim como Alcir Corezomae, Garivaldo Calomezoré, Silvio Amajunepa, Gonçalves Amajunepá, nas suas narrativas afirmavam, em unanimidade, que a atual reserva possuía uma extensão territorial bem mais ampla do que é hoje.

Os Balatipone afirmam que uma época, antes da homologação, pessoas que possuíam interesse nas nossas terras removeram os marcos que a delimitavam, colocando os marcos mata a dentro, reduzindo a terra demarcada e a reserva foi reduzida não correspondendo com a área que já era demarcada. Desse modo, o córrego JUTOPO ficou com a metade do seu percurso fora do território e o córrego MACEPOPARE ficou totalmente fora da área que foi demarcada e homologada como Terra Indígena Umutina. Este fato foi descoberto por um grupo de Balatipone responsáveis pela fiscalização do território, e hoje todos os moradores do território são conhecedores deste, pois esta fiscalização foi marcada por uma tragédia onde dois membros do grupo de fiscalização foram atacados um por onça deixando-os gravemente feridos.

Figura 1: Mapa da Terra Indígena Umutina



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3889>

Figura 2: Mapa da localização da Terra Indígena Umutina



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/dir/Umutina>

A população atual remanescente se autodenomina “Balatipone”, que significa nova geração, povo novo ou gente nova, e está estimada em mais de 570 habitantes, distribuída em mais de quatorze aldeias multiétnicas espalhadas no território.

1.3 A educação na comunidade

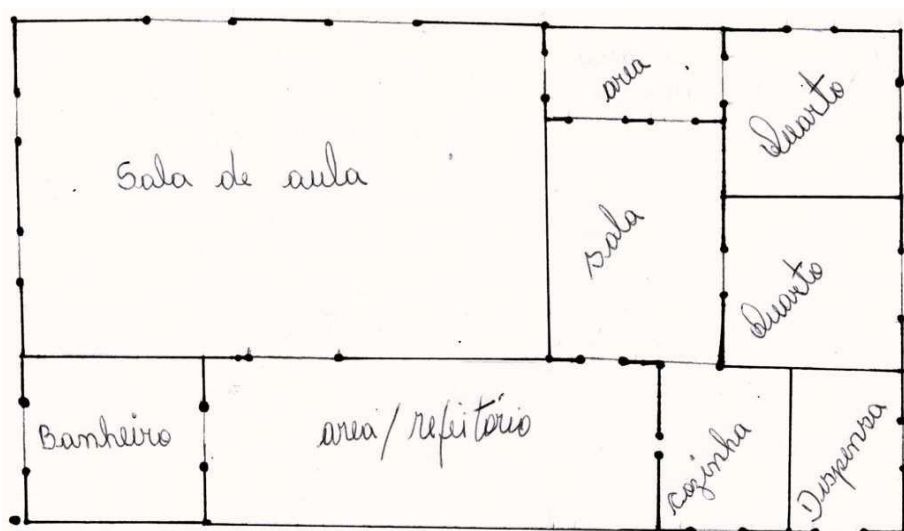
Após a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), no ano de 1910, com a missão de pacificar e proteger os grupos indígenas, assim como o estabelecer núcleos de colonização com apoio da mão de obra camponesa, essa política integracionista alcança os Umutina em 1911. A partir de então, se inicia o processo de contato permanente com os não indígenas, porém, a colonização do povo Balatipone e o contato permanente com os exploradores trouxe mudanças expressivas no modo de vida e graves consequências na transmissão de conhecimentos ancestrais desse povo, principalmente com a introdução da educação escolar que chegou entre os Balatipone por volta do século passado, na década de 1940.

Nesse período, foi introduzido entre os Balatipone, o sistema de educação escolar, que buscava evangelizar os índios, forçando-os a abandonar sua cultura e costumes milenares, e assim, introduzi-los à sociedade majoritária, a chamada integração nacional.

Em 1943, foi construída a primeira escola no território Umutina, edificada com materiais de alvenaria produzidos na aldeia pelos próprios indígenas e construída por eles mesmos, sob as ordens do funcionário do Serviço de Proteção aos Índios - SPI, tendo como patrono homenageado o próprio chefe do posto Otaviano Calmon.

A escola Otaviano Calmon possui uma pequena área na entrada principal, uma sala de aula grande e um banheiro na área dos fundos. As demais repartições da escola faziam parte do alojamento dos professores, composto por uma sala, dois quartos, uma cozinha e uma dispensa, conforme a ilustração abaixo:

Figura 3: Planta baixa da escola Otaviano Calmon



Fonte: Acervo Pessoal.

Recentemente, em 2022, o prédio da antiga escola passou por uma restauração, financiada com recursos da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer-SECEL/MT, conforme as imagens abaixo.

Figura 4: Fachada frontal da escola Otaviano Calmon



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5: Fundos da Escola Otaviano Calmon



Fonte: Acervo pessoal.

Segundo Tan Huare (2006) afirma em sua pesquisa, obtida através do senhor Adão Ribeiro Taxi, filho do funcionário que esteve à frente do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), o senhor Epifânio Ribeiro Taxi, a primeira escola foi construída no ano de 1943, fato comprovado conforme registro localizado na base, à esquerda da entrada principal.

Figura 6: Inscrição na parede com o ano de criação da escola Otaviano Calmon



Fonte: Acervo pessoal.

A escola Otaviano Calmon possuía objetivos claros e explícitos de introduzir o povo Umutina na sociedade nacional educando-os de acordo com a cultura dos não indígenas

ensinando-lhes ofícios de marcenaria, olaria, alfaiataria, agricultura, alvenaria além dos costumes pregados pela igreja católica.

Nesse período, os sobreviventes do povo Umutina, tanto adultos quanto crianças e adolescentes foram proibidos de praticarem seus rituais, de falarem a língua materna e eram severamente castigados pelos tutores responsáveis pela disciplina e ordem local. Quando alguém desobedecia a alguma das normas era punido rigorosamente. Os castigos eram humilhantes, realizados na presença de todos, servindo como exemplo para que os demais educandos não cometessem os mesmos atos da vítima, considerado infrator.

Tan Huare (2006), em sua pesquisa, afirma que o senhor Adão Ribeiro Taxi, filho do funcionário que esteve à frente do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), o senhor Epifânio Ribeiro Taxi afirma que o primeiro professor a ministrar aulas na escola Otaviano Calmon para os indígenas e não indígenas (filhos do chefe de posto) foi o senhor Antônio de Nascimento.

Os primeiros professores daquela época normalmente eram as esposas, filhas ou filhos dos chefes do posto que possuíam algum grau de instrução. Naquele tempo, a atual aldeia Umutina chamava-se Posto Fraternidade Indígena, pois fora construído com o objetivo de receber outros povos considerados rebeldes em suas aldeias.

Os indígenas de outras etnias transportados para o Posto Fraternidade Indígena foram levados com a finalidade de serem reeducados e como punição aos seus atos, ou seja, pela transgressão às regras e normas impostas pela igreja e pelo chefe do posto do local onde moravam.

Naquele tempo, na escola Otaviano Calmon, havia um misto étnico e de faixa etária entre os alunos. Aprendiam a ler e escrever na língua portuguesa, além da matemática e dos costumes impostos pela igreja católica, e cumpriam rigorosamente o sistema militar. Dessa forma, o trabalho de integração à sociedade nacional aos poucos estava sendo realizado. E em diálogo com os mais velhos da aldeia Umutina estes têm lembranças de apenas dos primeiros nomes ou dos apelidos de alguns professores e professoras que passaram pelo Posto Fraternidade Indígena no período do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a saber: Abgail, Antônio, Olinda, Violeta, Mirtes, Ivan Gadelha, Neuzinha, Luci e Enedina. Mais recentemente, no período da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, têm lembrança dos professores Benedito, Marilsa, Fátima e Iraci.

Após a extinção do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), no ano de 1967, surgiu a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, e dentre suas políticas, uma delas tratava exclusivamente da educação escolar indígena, porém, essa nova política e estrutura organizacional atinge o povo Umutina, através da presença dos outros professores, duas décadas

após a criação da FUNAI. Apesar disso, os professores ainda eram portadores da mesma disciplina e metodologia de ensino baseada no autoritarismo, uso da palmatória, diversos tipos de castigos, proibição ao lanche, proibição de ir aos banheiros fazer suas necessidades físicas, entre outras. Humilhações de todos os tipos aconteciam frequentemente na sala de aula.

Os professores contratados pela Fundação Nacional do Índio, naquela época, não eram indígenas e normalmente não finalizavam o ano letivo, visto que não havia comunicação com os parentes fora da aldeia e o acesso ao seu local de trabalho também era muito difícil. Quando o professor tinha a oportunidade de ir para a cidade resolver suas questões particulares, normalmente não retornava mais para a aldeia, deixando os alunos sem concluir o ano letivo.

Na década de 80, chega na Aldeia Umutina o professor Benedito, para lecionar na escola, o qual perdurou por alguns anos, porém, também foi embora para sua cidade de origem. Apesar disso, conseguiu que alguns alunos concluíssem seus estudos, 4ª série, na Otaviano Calmon. São eles: Rozinete Zoizoquialo Amajunepa, Ademil Calomezore, Lucimar Calomezore, Jurandir Calomezore, Jairton Cupodonepa, porém, para continuar com os estudos precisavam estudar na zona urbana.

E foi nesse período que saíram os primeiros alunos indígenas para estudar na cidade, os quais enfrentavam diversas dificuldades como a condução que possuíam. Por exemplo, era o trator da comunidade que os transportava até as margens do rio Bugres e lá atravessavam o rio à canoa e seguiam a pé até à escola. Outras vezes, iam de barco da aldeia Umutina até à cidade e em outros casos iam para a escola a cavalo. Enfrentavam sol, chuva, poeira, vento, frio, a travessia do rio Bugres e as suas enchentes, falta de estrutura financeira, constantes preconceito e discriminação. E por causa de tantas dificuldades enfrentadas, alguns optaram por desistir e outros foram morar na cidade.

Anos depois, outros alunos também conseguiram concluir seus estudos até a 4ª série na escola Otaviano Calmon, se matricularam nas escolas do município e passaram a estudar na cidade. Esses estudantes também enfrentaram as mesmas adversidades que os anteriores, porém, para essa turma já havia uma viatura, um jipe que foi conseguido pela comunidade junto à FUNAI, para transportar exclusivamente os alunos até à escola, no município de Barra do Bugres. Era comum o transporte com superlotação, pois a cada ano que se passava, mais e mais alunos concluíam seus estudos na escola da aldeia e passavam a estudar na cidade.

Entre os anos de 1988 e 1989, aconteceu um acidente com esses estudantes quando retornavam para casa. O motorista perdeu o controle do veículo, descendo ladeira abaixo. Logo, o socorro chegou e as vítimas foram encaminhadas até o hospital do município. Felizmente, não houve óbitos, apenas susto e muitos arranhões. Entre esses estudantes estavam: Silvia

Amajunepa, Jovail Amajunepa, Euzira Cupodonepa, Eneida Cupodonepa, Jairton Cupodonepa, Eliane Monzilar, Edna Monzilar e outros. Logo que se recuperaram, retomaram os estudos.

Nesta mesma década, de 1980, chega na aldeia Umutina a professora Iraci Ferreira, que, por sua vez, permaneceu na aldeia por longos anos até constituir relações matrimoniais com um dos membros da comunidade, fixando definitivamente sua residência na aldeia. A partir de então, o ensino passou a ser mais regular na escola e foi nesse período em que ela esteve na comunidade que se reinicia o processo de revitalização da cultura Umutina através dos anciões Kazacaru e o senhor Jula Paré. Mas, apesar da sua permanência, a professora, em suas práticas pedagógicas, exercia da mesma metodologia dos antigos professores e por causa disso, muitos alunos acabavam fugindo da escola pulando pela janela e outros nem iam às aulas, preferindo acompanhar os pais nos afazeres do cotidiano. E apesar da professora constituir família, também precisou ir embora.

Após a partida da professora Iraci, em 1988, passa a atuar na escola Otaviano Calmon o primeiro professor indígena, Filadelfo de Oliveira Neto. Naquela época, a escola já funcionava em sistema multisseriado, atendendo aos alunos da 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Com o aumento constante da população e consequentemente o aumento dos alunos, surge a necessidade de dividir a turma e de contratar outro professor. E na ocasião, fora contratada a senhora Maria Alice De Souza Cupodonepa, esposa do enfermeiro do posto de saúde local, o senhor Felisberto Cupodonepa. A professora passou a ministrar aulas para as turmas da 1ª e 2ª séries, e o professor Filadelfo continuou com os alunos da 3ª e 4ª séries.

A Escola Municipal Otaviano Calmon foi criada e reconhecida pela Lei Municipal nº 651/83, da prefeitura do município de Barra do Bugres, do Estado do Mato Grosso, em 20 de setembro de 1983.

Na década de 1990 o professor Filadelfo de Oliveira Neto e também a professora Maria Alice de Sousa Cupodonepa, além das disciplinas curriculares obrigatórias, convidavam os anciões da comunidade para contar histórias, ensinar a língua e praticar rituais da cultura na escola, passando a acontecer com certa regularidade, e como a comunidade foi formada por várias etnias, a cada semana ia na escola um membro de cada povo.

Os primeiros alunos que concluíram seus estudos na Otaviano Calmon, egressos do professor Filadelfo de Oliveira Neto, foram: Silvinho Amajunepa, Alvaney Mozilar, Roseli Manepa Ipaqueri, Rosiney Amajunepa, Valdevino Harison Amajunepa, Edivaldo Calomezoré e Adilsinha Moraes e Souza. Era uma dificuldade muito grande para esses alunos, pois naquela época ainda não existia transporte escolar para transportá-los até a escola. Durante alguns anos, esses alunos iam para as escolas do município em um carro que transportava gado, enfrentando

as mesmas adversidades do tempo que se repetiam todos os dias durante o ano letivo, como as friagens, as chuvas, as enchentes dos rios, a travessia do Paraguai, a caminhada de 3 km no período das enchentes, além do preconceito, da discriminação e da falta de condição financeira para manter os estudos.

Entre os anos de 1997 e 2002, havia mais de 50 alunos indígenas estudando nas escolas do município de Barra do Bugres egressos da escola da aldeia, Otaviano Calmon. Nesse período, já havia transporte escolar próprio para o transporte desses estudantes até as escolas urbanas. Nesse tempo, muitas pessoas que haviam interrompido seus estudos por motivos variados, retornam a estudar, porém ainda havia os riscos e a preocupação maior dos pais e dos responsáveis com esses alunos era o envolvimento dos seus filhos com o uso de entorpecentes e as más companhias.

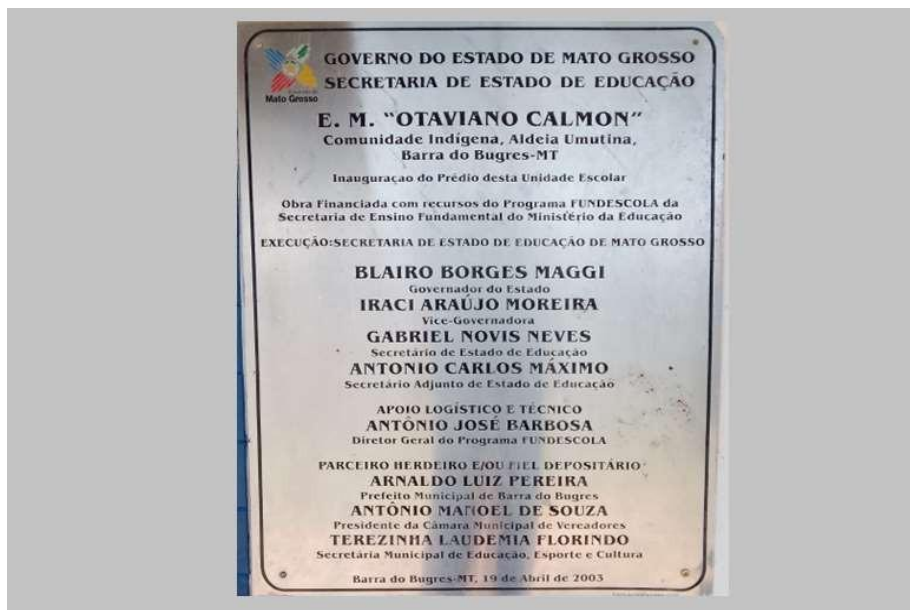
Nesse período, era comum perceber entre os estudantes o receio de se auto denominarem indígena. Em muitos casos, para não sofrer preconceito e nem discriminação, em outros, por desconhecer suas origens, a história e a cultura do próprio povo, porém, foi nesse momento que se intensificaram os trabalhos de resgate e fortalecimento da cultura Umutina.

No ano de 2001, aconteceu um marco na história da educação escolar indígena do estado de Mato Grosso: após anos de lutas e reivindicações, os povos indígenas e lideranças políticas do estado conseguem, junto à Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, a implantação do primeiro curso de nível superior para indígenas, o terceiro grau exclusivo para povos indígenas. No primeiro seletivo deste curso, em 2001, foram aprovados 10 professores da etnia Umutina: Filadelfo de Oliveira Neto, Luizinho Ariabo Quezo, Jovail Amajunepá Maria Alice Cupudunepá, Marcio Monzilar, Eneida Kupodonepá, Osvaldo Corezomaé Monzilar, Clícia Tan Huare, Eliane Boroponepa Monzilar e Edna Monzilar. Dulcineia Tan Huare, Jairton Cupodonepa e Silvinho Amajunepa já estavam cursando nível superior na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, em curso regular.

Visto que os estudantes enfrentavam diversos problemas desde condições financeiras, adversidades do tempo, acidentes durante o percurso até à escola, e, principalmente, a exposição dos alunos às drogas, às más companhias, o desrespeito e desconhecimento da própria cultura, aliada ao fato dos 10 indígenas do próprio povo estarem cursando nível superior para formação de professores, foram justificativas bastante contundentes para que as lideranças locais promovessem diálogo com órgãos públicos para a construção de uma escola dentro do território Umutina que atendesse às demandas e aos interesses da comunidade, e assim, resolver ou amenizar o problema.

Foram várias reuniões e consultas à comunidade, até que, felizmente, atendendo aos anseios do povo, no ano de 2003, foi construído um novo prédio na comunidade Umutina e a escola passa a atender as turmas da quinta a oitava série do ensino fundamental, funcionando como extensão da escola estadual Julio Muller, do município de Barra do Bugres, conforme placa de inauguração, abaixo:

Figura 7: Placa de inauguração do novo prédio escolar Otaviano Calmon



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8: Fundos da nova unidade escolar Otaviano Calmon



Fonte: Acervo pessoal.

No início, houve muita resistência por parte dos alunos de alguns pais, pois temiam que o professor indígena não estivesse preparado para lecionar para essas turmas e questionavam a qualidade do ensino. Apesar disso, aos poucos, os pais foram acreditando na capacidade dos professores.

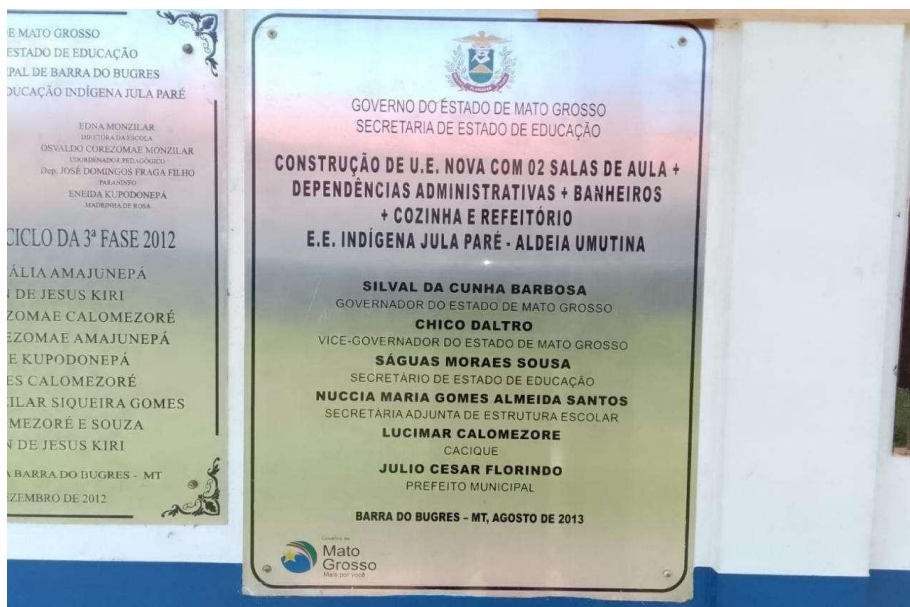
No ano seguinte, em 2004, visto que os professores possuíam habilidades para tal ofício e atendendo aos anseios da comunidade, se iniciam as aulas para o ensino médio e a partir de então, a escola passou a funcionar nos três períodos.

Ainda no ano de 2004, o projeto terceiro grau indígena lançou o segundo edital para seleção de novos candidatos ofertando 100 vagas em 3 diferentes áreas: Ciências da Matemática e Natureza; Línguas, Artes e Literatura; e Ciências Sociais. Nesta oportunidade, foram selecionados 5 indígenas do povo Umutina: Laelcio Amajunepa, Rozinete Zoizoquialo Amajunepa, Silvia Amajunepa, Valdemilson Ariabo Quezo e Valdevino Harison Amajunepá.

Em 2005, a escola deixa de ser “Otaviano Calmon” e passa a ser “Jula Pare”, tanto na esfera municipal quanto na estadual, tendo sido realizada a mudança de denominação, portanto, passando de Escola Municipal Otaviano Calmon para Escola Municipal Indígena “Jula Paré”, em 24 de junho de 2005, pelo decreto nº 6013, D.O de 24/06/2005, página 21 a 22, em homenagem ao ancião que teve um papel extremamente importante no resgate e fortalecimento da cultura do povo Umutina.

No ano de 2011, a escola Jula Pare teve a honra de celebrar a colação de grau da primeira turma de formandos que desde a educação infantil até à conclusão do terceiro ano do ensino médio sempre estudaram na escola da aldeia. E em 2013, atendendo à comunidade, foi inaugurado um novo prédio escolar com recursos do FUNDESCOLA, complementando a escola Estadual Jula Pare, a qual passou a oferecer mais conforto aos alunos.

Figura 9: Placa de inauguração da nova unidade escolar Jula Pare



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 10: Fachada frontal da nova unidade escolar Julia Pare



Fonte: Acervo pessoal.

Desde 2005, muitos jovens Balatipone egressos da Julia Pare têm ingressado nos mais diversos cursos a nível superior em várias universidades, tanto no estado de Mato Grosso, quanto fora do estado também. Muitos desses estudantes, hoje, são profissionais que atuam em suas comunidades ou com outros povos indígenas, direta ou indiretamente.

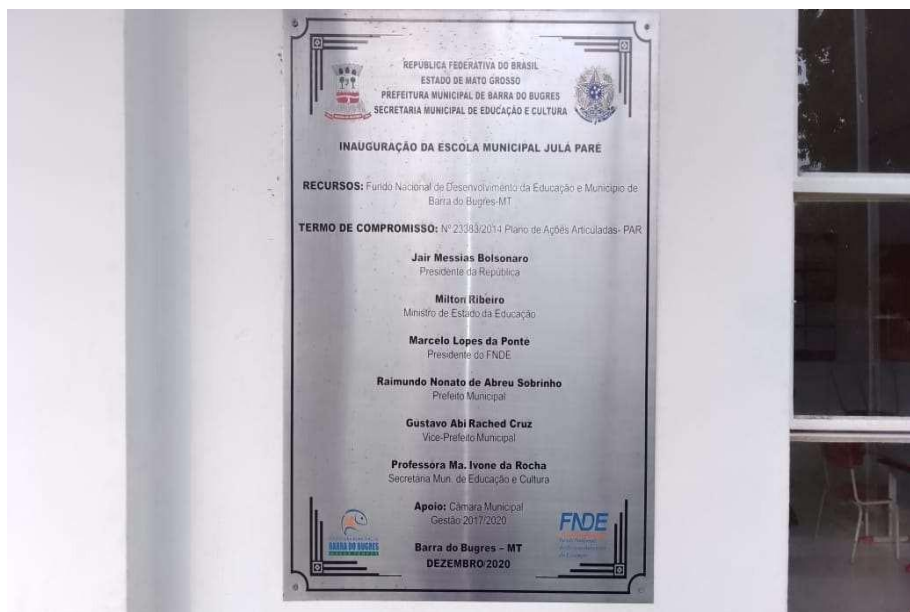
Atualmente, a Escola Estadual Indígena Julia Pare funciona em período integral para atender à demanda de 68 alunos do sexto ano do ensino fundamental II ao terceiro ano do ensino médio. Para atender a essa clientela, a escola conta com dois prédios e 26 funcionários, sendo: 2 cuidadoras, 1 bibliotecário, 1 secretário, 2 auxiliares de serviços gerais, 2 merendas e 18

professores habilitados nas seguintes áreas do conhecimento: Ciências da Natureza e Matemática; Ciência Sociais; e Línguas, Artes e Literatura.

A Jula Pare Estadual conta com 1 professora doutora em Antropologia Social, pela Universidade Nacional de Brasília - UNB, 8 professores mestres pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, e 2 mestrados pela mesma instituição. A grande maioria são servidores efetivos pelo primeiro concurso específico para indígena, ocorrido em 2006.

Na esfera municipal, a Escola Municipal Indígena Jula Pare funciona no período matutino atendendo aos alunos da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental I. Para atender aos educandos, conta com um prédio novo, inaugurado em 2020, composto por 2 salas de aulas, 2 banheiros, 1 sala de professor, 1 área de serviço, 1 cozinha e 1 refeitório. Para o seu funcionamento, conta com 5 funcionários: 1 auxiliar de serviços gerais, 1 apoio e 3 professores, sendo 1 professora mestre pela Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT e 2 professores mestrados pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Figura 11: Placa de inauguração da unidade escolar municipal Jula Pare



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12: Fachada frontal da nova unidade escolar municipal Jula Pare



Fonte: Acervo pessoal.

A Escola Indígena Jula Pare, na esfera municipal, possui duas escolas funcionando em extensão: uma na aldeia Bakalana e outra na aldeia Macepo, ambas dentro do território. A escola da aldeia Bakalana funciona em sistema multisseriado atendendo a 08 alunos que vão desde a educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental I. O prédio é semelhante à escola da aldeia Umutina e ambas foram construídas no mesmo ano. Esta conta com 2 funcionários, sendo: 1 professor mestre e 1 auxiliar de serviços gerais.

Figura 13: Professor, pais e alunos, na escola da aldeia Bakalana



Fonte: Acervo professor Luciano Ariabo Quezo.

A escola da aldeia Macepo também é extensão da Jula Pare municipal, porém, não possui um espaço físico adequado, funcionando em uma casa tradicional construída pela comunidade local. Esta escola também funciona em sistema multisseriado, atendendo a 8 alunos e possui 1 professora graduada pela UNEMAT em Ciências Sociais e 1 auxiliar de serviço gerais.

Figura 14: Alunos da escola Macepo, extensão da Jula Pare Municipal



Fonte: Acervo da professora Rosinei Amajunepa.

Os alunos que estudam nas escolas das extensões, quando terminam o 5º ano do ensino fundamental I, passam a estudar na Escola Estadual Indígena Jula Pare. E a prefeitura municipal de Barra do Bugres mantém uma condução adequada para o transporte desses alunos.

A escola Jula Pare tem buscado, de diversas formas, revitalizar a língua Balatipone e a cultura do próprio povo. E apesar das conquistas e dos avanços já adquiridos na área da educação, ainda há muitos desafios a serem enfrentados pelo povo Balatipone, que continua a lutar pelo resgate, fortalecimento e preservação de suas tradições, pela valorização de sua identidade cultural, pela garantia do território e pelos direitos coletivos enquanto cidadão indígena.

1.4 O papel do professor

Na década de 70, esteve trabalhando na aldeia Umutina um senhor chamado Antônio João e toda a sua família morava na aldeia também. Este senhor, percebendo que o povo não praticava mais os seus rituais, não se comunicava em sua língua materna e nem se pintava mais

como antigamente, resolveu fazer uma festa tradicional com a finalidade de resgatar a cultura desse povo, mas apesar de possuir boas intenções, ele não conhecia as tradições e nem a língua dos Balatipone.

Então, empolgado e determinado, o chefe do posto começou a coletar com os anciões frases e palavras na língua desse povo, porém, não foram suficientes, pois alguns não sabiam, outros que sabiam não gostavam de falar por causa do trauma que viveram por se comunicarem em sua língua mãe. E mesmo assim, o chefe do posto continuou com seu trabalho e passou a ensinar aos jovens e adolescentes, daquela época, a dança da ema e a dança do bate pau, cujos rituais pertencem à cultura indígena do povo Terena.

As danças introduzidas aos jovens, adolescente e crianças, daquela época, eram experiências de trabalhos anteriores onde o chefe do posto já havia prestado seus serviços, porém, entre os Balatipone não teve bons resultados, pois estes, naquele tempo, eram extremamente resistentes com questões culturais e a grande maioria possuía muitos receios em se autodeclarar indígena, não somente pelo fato de ser uma comunidade multiétnica, mas pelo desconhecimento da história do seu próprio povo e de não ter consciência do extermínio cultural empregado pelo *wace* para colonizá-los.

Nos anos 80, com a chegada da professora Iraci Ferreira de Oliveira na aldeia Umutina, se iniciam os trabalhos na escola Otaviano Calmon. A professora, percebendo que o povo não praticava seus rituais, começou a realizar alguns trabalhos de resgate cultural na escola, porém, essas ações eram realizadas somente no dia 19 de abril, data em que se comemora o Dia dos Índios, ou em apresentações culturais realizadas pelos alunos, perante visitantes.

Naquele tempo, o acesso à informação era mais difícil, por isso, não havia estudo bibliográfico por parte dos professores sobre a cultura do povo Balatipone, porém, havia idosos conhecedores da cultura e lembrantes⁴ da língua materna. Apesar disso, a grande maioria não aceitava ensinar na escola o que sabia e o que guardava. Era muito difícil para eles emergir ao passado, sempre se emocionavam interrompendo a narrativa com prantos e soluços.

Em 1985 aos 7 anos de idade, comecei a estudar na antiga escola Otaviano Calmon, hoje denominada Jula Pare, localizada na terra indígena Umutina, na aldeia Umutina. Naquele tempo, era um período muito difícil para finalizar o ano letivo, pois os professores não eram indígenas e na maioria das vezes estes iam para a cidade e não retornavam mais.

⁴ Lembrantes: Pessoas mais velhas da comunidade que conviveram com os antigos Balatipone e ainda possuem memórias da língua Balatipone.

Naquele período, em que ingressei na escola, a educação escolar era ofertada pela FUNAI, cujos professores ainda eram carregados da doutrina do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), com atitudes opressoras e punitivas. Faziam parte da metodologia desses professores os castigos que eram impostos aos alunos por não saberem as respostas corretas ou por não conseguirem resolver as atividades propostas, na grande maioria das vezes, punidos com a palmatória ou postos de castigo, expondo o aluno e humilhando-o diante aos demais. Por muitas vezes, os alunos ficavam sem a merenda.

No segundo semestre do ano em que comecei a estudar, sofri um grave acidente e fiquei 3 anos realizando tratamento entre idas e vindas, entre a aldeia e a capital do Estado, Cuiabá. Voltei a estudar com 10 anos de idade, já no ano de 1988, mas com graves sequelas do acidente e por causa disso fui retido naquele ano. Porém, no ano seguinte, 1989, aprendi a ler e a escrever e passei para a série seguinte.

No ano de 1990, fui embora da aldeia para a cidade, Tangará da Serra, e lá comecei a estudar na Escola 29 de Novembro, cursando a 2ª série do ensino fundamental até a conclusão do ano letivo. No ano seguinte, continuei a estudar na mesma escola, mas por causa das constantes greves que sucederam naquele ano, voltei para a aldeia e não retornei mais para a cidade. Em 1992, voltei a estudar na aldeia, na Escola Otaviano Calmon, e nesta conclui a 3ª e a 4ª série do ensino fundamental.

Na década de 90, foi realizada, na comunidade Umutina, a organização linguística e política, pois devido à comunidade ser formada por várias etnias, havia a necessidade de adotarem apenas uma língua para ser ensinada na escola. Na ocasião, optaram por escolher a língua materna do povo Balatipone, pois era a língua que estava em curso de extinção; além disso, o território pertencia tradicionalmente a esse povo.

Nesse mesmo período, o professor Filadelfo de Oliveira Neto e a professora Maria Alice de Souza Cupodonepa, já levavam os anciões para a sala de aula para ensinar a língua materna dos Balatipone, assim como, para contar histórias e mitos da cultura do próprio povo. Do mesmo modo, também eram convidados membros de outras etnias a narrarem suas histórias e mitos, na escola, para os alunos.

No ano de 1994, iniciei meus estudos na escola do município vizinho, Barra do Bugres, pois na escola da aldeia não possuía a 5ª série do ensino fundamental. No segundo semestre desse mesmo ano fui embora para a cidade de Tangará da serra, novamente, pois era muito difícil o percurso até a escola e a sua permanência por diversos motivos.

Em Tangará da Serra era um mundo totalmente diferente do qual estava acostumado. Enfrentei muita discriminação étnico-racial e passei por todos os tipos de estereótipos, mas

mesmo assim, consegui concluir desde a 5ª até a 8ª série do ensino fundamental na Escola Estadual Emanuel Pinheiro. E apesar de tudo que enfrentei na cidade a vida, me fez refletir sobre a minha origem e foi lá, através dos livros, que tive o prazer de conhecer a história do meu povo. Histórias que até aquele momento, eu nunca tinha ouvido falar.

Em 1998, me matriculei na escola 29 de Novembro, Tangará da Serra, e comecei a cursar o 1º ano do ensino médio, porém naquele mesmo ano, resolvi voltar para a aldeia. Então, tive que continuar meus estudos no município vizinho, Barra do Bugres, na Escola Estadual Júlio Muller.

Quando regressei para a aldeia, retornei movido pelo desejo e o compromisso de realizar o resgate da cultura do meu povo, os Balatipone. Naquela ocasião, compartilhei tudo o que pesquisei sobre esse povo com os anciões e lideranças, os quais abraçaram a causa, pois enxergavam que os mais jovens não conheciam a cultura do próprio povo, não praticavam os ritos, desconheciam a língua e possuíam certo receio em afirmar a identidade indígena.

Então, com o apoio dos mais velhos e dos líderes, assim como o apoio do cacique daquela época, Jovail Amajunepa (*in memoriam*), criamos um grupo de dança composto por jovens, adolescentes e crianças que compartilhavam do mesmo ideal. O grupo chegou a ter mais de 50 componentes.

Todas as noites, nos ensaios, minha avó, Inês Baconepá (*in memoriam*) preparava o alimento e a bebida tradicional, fazia a oferenda, pedia licença e proteção aos espíritos e a Deus para que pudéssemos realizar as danças e as canções, pois segundo ela e os anciões Balatipone, a última *Adoê* (festa tradicional) realizada na aldeia Umutina pelos últimos Balatipone que residiam na maloca, provocou muitos infortúnios ao povo causando muitas doenças e mortes.

Esta iniciativa de resgate e fortalecimento da cultura do povo Balatipone só veio a contribuir para o trabalho que a escola, timidamente, através dos professores Filadelfo de Oliveira neto e a professora Maria Alice de Sousa Cupodonepá, já desenvolviam, porém, sem muito sucesso, pois naquela época, os adolescentes e os mais jovens tinham vergonha de se auto declararem indígenas, efeitos sutis do etnocídio enraizado provocado pelas influências dos colonizadores. Entretanto, era a forma ou a tentativa de se esconder fugindo dos estereótipos, preconceito e discriminação que enfrentavam constantemente.

Em 1998, foi o ano em que comecei a trabalhar na escola como professor voluntário. Trabalhava com uma turma de 17 crianças entre 4 e 5 anos de idade. Naquela época as crianças dessa faixa etária não tinham obrigatoriedade de frequentar a escola e por isso o município não oferecia suporte, mas com a ajuda do cacique Jovail Amajunepa(*in memorian*) e apoio dos pais, iniciei o trabalho. E mesmo não tendo material adequado e nem uma sala de aula apropriada,

consegui desempenhar a função. O espaço físico onde lecionava era uma cobertura de palha, presente na figura 20 deste trabalho. No ano seguinte, 1999, passei a atuar como professor substituto do professor Filadelfo de Oliveira Neto, assumia sua turma sempre que o mesmo precisava se ausentar, mas principalmente nas aulas de práticas culturais.

Naquele tempo foi bastante delicado iniciar os trabalhos de resgate e revitalização da cultura Balatipone, pois o processo colonizatório possuía um intenso domínio sobre esse povo, além da doutrina evangélica, existia também, uma forte influência da igreja católica na aldeia e por isso havia muitas divergências entre a religiosidade na comunidade, mas ninguém falava na cosmologia ancestral Balatipone. Muitos afirmavam publicamente que o resgate e a revitalização da cultura não serviam para nada e consideração um atraso, um retrocesso esta iniciativa. Por outro lado, era extremamente evidente as festas de santo e os cultos evangélicos realizados frequentemente por algumas famílias com pregação de pastore indígena ou wace dentro da aldeia.

No início desta iniciativa de revitalização da cultura Balatipone foi um período muito conturbado também, dentro da escola, muitos pais não deixavam as crianças pintarem o corpo nem o rosto. Os poucos que permitiam não aceitavam que pintassem seus filhos com a tinta de jenipapo. Apesar de tanta resistência, o professor Filadelfo de Oliveira Neto, e especialmente, a professora Maria Alice de Souza Cupodonepa sempre se esforçaram ao limite no incentivo ao resgate e fortalecimento da cultura do povo Balatipone, me apoiando e incentivando.

Figura 15: Professor Valdevino H. Amajunepa e alunos da antiga Escola Otaviano Calmon



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa

Além da resistência dos pais dos alunos, outro grande problema superado, foi a questão dos evangélicos, que não aceitavam de forma alguma que seus filhos participassem das danças e nem das atividades culturais. Estes intimidaram de todas as formas as nossas manifestações culturais. Nos condenavam e nos reprimiam tentando nos silenciar novamente, julgando, que a cultura não servia para nada. Pregavam que os nossos cânticos e as nossas danças eram invocação e adoração ao ‘demônio’ e que as nossas pinturas corporais eram o sinal da besta. Debochavam dos rapazes que haviam furado a orelha e estavam deixando o cabelo crescer, dizendo que tão logo passariam a usar saia, salto alto e maquiagem. Julgavam que todos nós estávamos condenados a queimar no fogo do inferno. Tal atitude culminou na divisão da comunidade por um longo período.

Apesar disso, o professor Filadelfo de Oliveira Neto, e especialmente, a professora Maria Alice de Souza Cupodonepa, sempre mantiveram a escola aberta a essa iniciativa de resgate cultural, nos apoiando e incentivando. E juntos iniciamos um trabalho de intercâmbio intercultural. Com o objetivo de divulgar a cultura Balatipone, porém foi muito além das nossas expectativas.

Durante alguns anos trabalhamos com intercâmbio intercultural com várias escolas das cidades da região, como Barra do Bugres, Nova Olímpia, Tangará da Serra, Cuiabá, Várzea Grande, Cáceres, Jaciara e entre outras. Nessa iniciativa buscávamos alojar os alunos e professores na aldeia durante dois ou três dias, e nesse período todos os nossos convidados participavam de todas as nossas atividades culturais que eram promovidas pela escola com o apoio da comunidade para aquela ocasião.

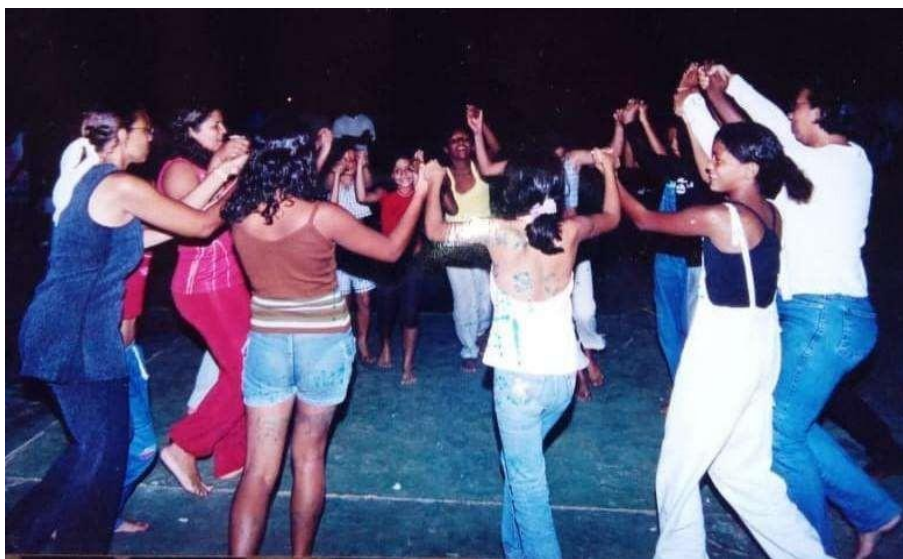
Figura 16: Cacique Jovail Amajunepa, 1º Intercâmbio Intercultural na aldeia Umutina.



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa.

As atividades promovidas para os visitantes durante o dia, eram diversas, como por exemplo, convidávamos os alunos e professores não indígenas a ir à pesca do timbó, e eles acompanhavam e participavam desde a coleta do timbó, o preparo até a execução da pesca. Outras praticavam tiro com arco e flecha, outros aprendiam sobre cestaria, trançados, pinturas corporais, produção de cordas, colares, pulseiras entre outras.

Figura 17: Apresentação de dança Intercâmbio Cultural



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa.

Figura 18: Prof. Valdevino H. Amajunepa - mestre de canto, intercâmbio intercultural na Aldeia Umutina.



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa.

Figura 19: Jovens Balatipone e o professor Valdevino Harison Amajunepa praticando Minixuarê



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa.

Figura 20: Intercâmbio cultural, professores - contação de histórias.



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa.

Durante a noite eram praticadas as danças tradicionais e roda de conversas, nesses diálogos buscamos romper barreiras, fomentar conhecimento e assim, promover a ruptura de preconceito e estereótipo contra os povos indígenas.

Apesar do nosso engajamento com a promoção de ações que contribuíssem para a ruptura de estereótipos e de lutar contra barreiras externas, ainda tínhamos de lidar com as nossas divergências internas, mas o que não esperávamos era que após o primeiro intercâmbio intercultural realizado na aldeia Umutina, denominado “Índio na cidade e cidade na aldeia”, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, o senhor Julia Pare, ancião mais velho da comunidade, naquela época, portador de todo conhecimento ancestral Balatipone, passaria a ter receptividade por nossa iniciativa e nos acolheria.

Figura 21: Ancião Julia Pare.



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa

Nas noites em que ocorriam as apresentações de dança, seguidas de bebidas e alimentos tradicionais, lembro-me dos líderes e do cacique Jovail Amajunepá (*in memorian*), dos seus discursos calorosos, e contente pela realização e preenchimento de algo que lhes faltava. E não se ressentiam em demonstrar a satisfação e gratidão pela iniciativa do resgate. Também me recordo do decorrer dos dias que seguiram, dos abraços calorosos e das palavras carinhosas dos mais velhos da comunidade: Inês Bakonepá, Joaquim Kupodonepá, Antônio Wapodonepá e de

Jula Pare, incentivando e agradecendo por proporcionar lembranças daquilo que foi o povo Balatipone no passado, pois as danças e os cantos deixavam-lhes em êxtase, permitindo-lhes grandes recordações.

A partir disso os anciãos passaram a conversar mais abertamente sobre a língua, as danças, as pinturas corporais e tudo que ainda se lembravam. Sempre nos alertavam que não era para praticar as danças com as máscaras e entoar o canto delas, pois estas danças são rituais dos espíritos e poderia desagradá-los, caso cometesse alguma ação proibida. E tal ação causaria graves consequências para o povo. Lembravam - nos que, para isso, deveríamos seguir alguns procedimentos bastante específicos desses rituais.

Figura 22: Ancião Jula Pare contando história em sua residência.



Fonte: Acervo da professora Maria Alice de Souza Cupodonepa

E a partir disso, Jula Pare passa a compartilhar o seu conhecimento comigo. Sempre o visitava e ele se demonstrava muito feliz com a minha presença. Contava-me histórias dos nossos ancestrais, causos, fatos vivenciados por ele. Relembrava o passado, ensinava-me palavras na língua. Dizia ele, que os antigos não possuíam o costume de cumprimentar dando “bom dia”, “boa tarde” e nem “boa noite”. Afirmava que isso era coisa dos *wace*. E continuava

afirmando que o nosso povo dizia *i'kixi'ai*, que significa “eu vejo você”, indagando, *ai'kuri pitukwá ni*, que corresponde a “você está bem?”. Este responde: *i'kixi'ai*, seguido de *i'kurê*, que significa “eu estou”. Quando se cumprimentava mais de uma pessoa pronunciava-se: *i'kixi'tai*, indagando: *ta'kuri pitukwá ni*, que significa “você estão bem?”. Sempre fazendo gestos com a mão esquerda da altura do peito para baixo, sentido anti horário, sem que o gesto complete um círculo. Essas pessoas respondem: *pa'kurê*, que significa “nós estamos” fazendo os mesmos gestos.

Ainda, segundo Julia Pare, para os estranhos ao grupo, praticavam outro tipo de saudação, a saudação descrita por Schultz (1952. p. 82,83), como saudação agressiva. Segundo seus relatos, assim como os comentários de Antônio Wapodonepá (*in memorian*) e Inês Bakonepá (*in memorian*), a respeito da saudação agressiva, diziam que os antigos praticavam a saudação agressiva quando entravam em contato com estranhos, ou seja, os wace. E para demonstrar sua imponência e força, usavam o arco e flecha, facão, espada, faca ou qualquer outro objeto que estivesse em sua posse e ameaçavam o indivíduo encenando um ataque, porém não lhe tocavam. Tal ritual possuía a finalidade de espantar o Horuno (espíritos de doença), pois esse povo acreditava que os wace eram portadores de todas as enfermidades e infortúnios vivenciado pelos Balatipone. No entanto, as vítimas, assustadas, fugiam desesperadamente. Porém, na maioria das vezes tal atitude, terminava em tragédia.

Julia Pare, nas visitas que lhe fazia, solicitava minha companhia para ir ao córrego e para acompanhá-lo em suas plantações do quintal. No percurso ele ia descrevendo em Balatipone todos os seres vivos e não vivos do ambiente. Certa vez comentou sobre uma planta chamada *bokoré*. Esta possui propriedades analgésicas muito utilizadas pelos antigos Balatipone no combate às dores de dente. Em sua residência descrevia e ensinava as danças como *Yupuriká*, *Lórunó*, *Mixina popurina*, *manixuarê*, *Yuri* e as demais do grande *Adoê*.

Compartilhei com o nosso grupo de dança e com todos que nos apoiaram, todas as informações obtidas com o senhor Julia Pare, especialmente as danças e os cantos na língua Balatipone.

E foi a partir de então que o nosso povo, contrários ao nosso trabalho, também passaram a nos respeitar, reconhecendo e valorizando a importância da cultura Balatipone. E com o passar do tempo, essa resistência foi cedendo e dando lugar ao entendimento e conscientização sobre a cultura e por fim, surgiu outro grupo de dança Balatipone, composto pelos filhos e familiares dos próprios evangélicos, denominado grupo Teatral Nação Nativa.

A respeito do grupo Nação Nativa, certa vez, em uma das minhas muitas visitas que fazia a Julia Pare, percebi uma certa tristeza em seu semblante, logo ele disse que os Boloriê,

fizeram-lhe uma visita e estavam muito zangados com ele. Afirmou que haviam lhe proibido de ensinar as danças e cantos do povo Balatipone ao grupo Nação Nativa e finalizou justificando que os membros do grupo não pertenciam ao povo Balatipone e por isso os Boloriê estavam muito zangados com ele (Jula Pare).

O grupo nação nativa foi composto por vários jovens e adolescentes, que desenvolveram um bom trabalho, sendo coordenado pelo ex-cacique Valdomiro Calomezore, sob as orientações do ancião Jula Pará (*in memoriam*), juntos, o grupo, buscou resgatar outras danças e outros cantos dos Balatipone, mas apesar disso, o objetivo principal do grupo foi adquirir recursos financeiros com apresentações culturais.

No período do meu regresso à aldeia, não parei com meus estudos e assim como para todos os jovens Balatipone, não foi fácil finalizar essa etapa, pois além do preconceito e discriminação já vivenciados, enfrentávamos muitas outras dificuldades, desde financeira para compra de livros ou lanches, até o transporte que estava sempre com super lotação. Além disso, enfrentávamos chuva, frio, poeira, as enchentes dos rios e apesar de tudo o que passei e enfrentei, consegui concluir o ensino médio.

Após a conclusão do ensino médio, me tornei uma pessoa ativa na comunidade. Participava de todas as reuniões e da vida política da comunidade. Aos poucos, fui conquistando respeito dos mais velhos e dos demais membros da comunidade. Fui indicado para ser o presidente do conselho local de saúde e ser membro do Conselho Distrital de Saúde Indígena, bem como para participar e representar os povos indígenas nas conferências dos direitos humanos, conferência nacional de saúde indígena e conferência nacional da juventude, e também fui membro no conselho criado pela FUNAI e presidente da associação do povo Umutina.

Passei por várias indicações para representar o povo Balatipone em diversas situações e durante essas idas e vindas para fora e dentro da aldeia, senti a necessidade de continuar meus estudos, pois percebi que era preciso adquirir mais conhecimento para assim poder contribuir melhor junto às demandas e necessidades do nosso povo. E foi nesse momento que tomei a decisão de me abdicar das funções e demandas da comunidade e seguir meus estudos.

Ingressei no 3º grau indígena, hoje faculdade indígena, no segundo vestibular. Assim que concluí a graduação, ingressei na pós-graduação me especializei em educação escolar indígena. E atualmente estou no curso de mestrado, terceira turma, ofertado pela Faculdade Intercultural Indígena (FAINDI/UNEMAT).

Tive oportunidade de poder cursar outras faculdades como Agronomia, Direito e Medicina, porém optei pela área da educação. Sei que como agrônomo poderia construir bons

projetos e assim poder alimentar muitas pessoas, como médico salvaria muitas vidas, como advogado lutar pelos direitos dos povos originários, mas como professor posso instruir muitas pessoas para que possam andar por seus próprios passos reconhecendo seus direitos e deveres na busca de uma sociedade mais justa para todos.

Me orgulho de ter liderado o trabalho de resgate e fortalecimento da cultura do nosso povo Balatipone, mesmo frente às provocações e aos desentendimentos que surgiram, naquela ocasião. Hoje, posso enxergar nos olhos e sentir nas expressões cotidianas deste povo o orgulho em se auto declarar Balatipone.

Hoje, daquela escola que foi instituída em 1943, com a missão de evangelizar, aculturar os Balatipone e integrá-los à sociedade majoritária, existe tão somente, o prédio. Atualmente, seu projeto político pedagógico é totalmente oposto, buscando resgatar, revitalizar e fortalecer a cultura dos Balatipone, mas apesar de todo o trabalho desenvolvido pela escola, ainda temos muito a desenvolver como educador e fora dela, como cidadão indígena. É preciso contar e reescrever a história pela ótica do colonizado. Compartilhar nossas experiências, não somente pedagógicas, mas também de vida e assim, ensinar e aprender com o outro. Mas acima de tudo, usar o nosso conhecimento para construir uma educação escolar que garanta o direito de todos a uma educação mais humanitária.

2. A LÍNGUA BALATIPONE

Neste capítulo, o leitor encontrará no decorrer do texto, informações sobre a língua Balatipone e os processos históricos sofridos que levaram ao desuso e silenciamento desta, entre o grupo. Descobrirá elementos importantes sobre a situação em que ela se encontra atualmente na comunidade, assim como a resistência e os mecanismos encontrados pelo povo para sua preservação, manutenção e transmissão. Conhecerá, também, informações sobre os dispositivos legais que amparam a educação escolar indígena, abrindo-se um destaque sobre as obras e autores que sustentam esta pesquisa, assim como auxiliam no trabalho em sala de aula sobre o ensino da língua Balatipone.

O povo Balatipone é falante da língua indígena Balatipone, da família Bororo, pertencente à ramificação macro-jê. Segundo os estudos da fonologia, realizados por Lima (1995), apresenta 12 fonemas consonantais e 8 fonemas vocálicos, sendo 5 ditongos crescentes e 5 decrescentes. Os padrões silábicos apresentam V, CV, CCV, CVC e VC. Nesta língua, a acentuação é predizível na última sílaba. Na morfologia, apresenta duas classes de palavras: a primeira são as variáveis, que compreende os substantivos (alienáveis e inalienáveis), os pronomes pessoais e possessivos, e os verbos; a segunda é a das partículas, que se subdivide em sete subclasses: descritivas, locativas (espaciais e temporais), de negação, de resgate, de relação, numerais e de intensidade.

Antigamente, nesta língua, todos os “m” e “b” variavam entre a pronúncia definitivamente “m” e “b”, conforme o indivíduo em questão. E do mesmo modo, as vogais “a” e “o” também variam conforme a idade do falante. Os “d” possuíam tendência forte para o “l”, e atualmente, a letra “d” caiu em desuso, permanecendo apenas em nome próprio.

Hoje, essa língua não está operando como um sistema, mas do ponto de vista discursivo, funciona como documento que tem função importante para o povo através de seus itens lexicais.

2.1 O silenciamento da língua Balatipone

Os Balatipone, por séculos, evitaram relacionarem-se com os não indígenas, porém, com o passar dos anos, a proximidade dos *wace* tornou-se mais intensa, constituindo-se inevitável o contato, denominado de “pacífico”, ocorrido em 1912. E devido à perda territorial advinda pelos colonizadores, que passaram a explorar as terras das margens do *Olaripo*, rio Paraguai, deixaram os Balatipone encurralados no território onde hoje se encontram.

Após o contato, chegaram as doenças como sarampo, coqueluche e tuberculose. E para tais males, os Balatipone não possuíam defesas imunológicas. Logo, essas enfermidades se transformaram em uma grande epidemia causando o declínio populacional, deixando muitos

órfãos e provocando a ruptura na transmissão de conhecimentos ancestrais, inclusive a língua materna desse povo.

Na tentativa de evitar a contaminação e a morte de mais pessoas, foi construída às margens do Rio Paraguai uma nova aldeia denominada Humaitá, e para lá foram levadas as pessoas sadias.

O PI de atração foi deslocado a poucos quilômetros, por fins estratégicos de contato, denominado Humaitá. Os órfãos, jovens solteiros e idosos enfermos – em grande maioria nas malocas da mata – foram levados pelos funcionários do SPI a fim de residirem definitivamente no PI (Lima, 1995, p. 17)

Apesar disso, após um pequeno período, as doenças também chegaram nesse local causando a contaminação de outras pessoas que estavam saudáveis e provocando mais morte. E “em meio às moléstias que os acometia, o grupo passou de brávio e altivo a frágil e desagregado” (Lima, 1995, p.17). Então, para fugir definitivamente dessas doenças, a alternativa encontrada foi construir outra aldeia para abrigar todos os indígenas que ainda estavam saudáveis e evitar qualquer contato com aqueles que não estavam.

Relatos do ancião Apikoré Amajunepá (*in memorian*), em suas narrativas, afirmava que muitas pessoas jovens, adultos e idosos foram levadas sem seu próprio consentimento e muitas crianças e adolescentes foram retiradas de suas famílias e transportados para esse novo lugar denominado Posto Fraternidade Indígena, hoje aldeia Umutina.

Todos os indígenas levados para o Posto Fraternidade Indígena passaram a viver aos cuidados dos servidores do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), sendo educados e disciplinados conforme o sistema educacional da sociedade dos não indígenas e segundo as normas da igreja católica daquela época.

Naquele período, os Balatipone foram proibidos de praticarem seus rituais e de se comunicarem na sua língua materna.

Os índios do PI passaram a viver em sistema adverso ao cotidiano tribal, e por imposição de um chefe de posto – Otaviano Calmon – ficaram impossibilitados, sob ameaças e castigos, de falarem sua língua materna e de realizarem suas festas e rituais. E foi assim que os índios, em um período, relativamente curto, abandonaram muitos dos seus costumes tribais (Lima, 1995, p. 17).

Segundo narrativas da minha avó paterna, Inês Bakonepá (*in memorian*), os Balatipone eram severamente punidos quando falavam na língua de seus ancestrais. As crianças que não sabiam falar a língua portuguesa eram bastante castigadas, principalmente aquelas que eram

extremamente apegadas aos pais, pois com a separação, essas crianças choravam muito por horas e dias. Durante a noite, essas crianças eram colocadas em um pequeno quarto escuro para que seu choro não incomodasse os servidores do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Quando elas não paravam de chorar eram retiradas de lá, e depois de levarem uma surra, eram entregues aos cuidados de Inês Bakonepá, que nos relatava com pesar, emoção e dor, pois naquela época, era a menina mais velha entre os órfãos e tinha entre seus 9 a 10 anos e idade.

Em suas muitas narrativas, minha avó ficava paralisada, pois ao relembrar o passado lhe causava muita comoção e dor. Por muitas vezes, suas histórias eram interrompidas por choros e soluços. Esse sentimento era tão intenso que nos contagiava e também nos paralisava, levando-nos, a um passado desumano não muito distante, vivido por nossos avós. Seus relatos marejavam nossos olhos provocando silêncio total entre seus netos e filhos. Muitas das vezes, ela não conseguia finalizar suas narrativas e nem nós conseguíamos permanecer ouvindo. E como poderíamos continuar escutando tanta barbárie que foi cometida contra o nosso povo? E sem dizer, uma só palavra, meu avô Apikore se retirava e ia deitar. E nós em silêncio, levantávamos e íamos embora com o coração cheio de angústia e dor.

Passavam-se dias, semanas e até meses para que a anciã Bakonepa continuasse sua narrativa. E ao conseguir finalizar, afirmava que havia cuidado e tratado de muitas crianças. Contava que, na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), os Balatipone foram coagidos a acreditar em outro Deus e a orar por algo que desconheciam. Foram forçados a usar roupas e calçados, assim como a estudar para aprender a língua portuguesa. Discorria, com profunda dor, afirmando que foram sistematicamente obrigados a se adaptar aos modos de vida e dos costumes do Posto Fraternidade Indígena abandonando forçadamente os antigos costumes dos seus ancestrais.

De fato, a história dos Balatipone é marcada por grandes tragédias, violência e perdas, tanto física quanto linguística e cultural. Esse povo, que outrora foi aguerrido e destemido, ao longo do processo histórico de contato foi sofrendo perdas, desde a invasão de seus territórios, às margens do rio Sepotuba (*kêpo*), assim como também pelo abandono e na fuga, no período em que se deslocou rio Paraguai (*Olaripo*) acima. Tiveram e passaram por perdas irreparáveis para as epidemias que provocaram sua depopulação. Tiveram perdas para as proibições, torturas e castigos impostos pelos servidores do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas a maior perda foi a morte dos anciões, que provocou uma ruptura na transmissão de conhecimentos milenares, cuja consequência disso foi o silenciamento da língua materna de seus ancestrais Balatipone.

2.2 A situação linguística da Comunidade

As decorrências pós contato entre os Balatipone e os *Wace* foram catastróficas, em todos os sentidos, para essa etnia. Um dos efeitos é a formação da atual população que é constituída por várias outras etnias como Bororo, Bakairi, Manoki, Nambiquara, Pareci, Terena, Kaiabi e Chiquitano. E apesar de muitos anciões possuírem raízes em outros territórios, os seus filhos e netos, assim como toda a população atual, se auto denominam Balatipone. Apesar disso, no atual território, não são estimuladas e nem fomentadas as práticas culturais de outros povos e nem os usos de outras línguas indígenas, porém, também não é proibido.

Entretanto, convém ressaltar aqui, os efeitos pós contato, perante o sistema de comunicação dos Balatipone daquela época e que se estende até os dias atuais, pois provocou implicações que causaram graves sequelas nos processos próprios de transmissão da língua materna entre as gerações Balatipone, e por isso, hoje, possuem a língua portuguesa como primeira língua.

As crianças Balatipone, somente após ingressarem na escola, começam a aprender palavras na língua de seus ancestrais. Isso porque os pais e os avós, que eram os transmissores naturais da oralidade, não são mais falantes.

Diante disso, e reconhecendo a importância da língua de seus ancestrais, os professores desenvolvem com dedicação e constância os estudos e os ensinamentos desta língua buscando vários autores e obras que dissertam sobre o povo e a língua Balatipone, mas acima de tudo, buscam na comunidade, informações e contribuições de igual importância, com os mais velhos e outros lembrantes da língua.

2.3 Documentos e obras de referência para o ensino da língua Balatipone

Antigamente, a Escola Otaviano Calmon, edificada na década de 40 e inaugurada no dia 03 de maio de 1943, foi construída com objetivos claros de integrar os Balatipone à sociedade envolvente. Esta instituição promoveu ações que provocaram o genocídio e o etnocídio dessa população. E por longos anos continuou estigmatizando e censurando o povo Balatipone. Somente após a constituição Federal de 1988 e com a chegada do professor indígena, da própria etnia, é que a escola passa a adotar outra postura.

Frente à conjectura política que adentrava a educação escolar indígena naquela época, o professor passa a defender e a exercer seus direitos constitucionalmente preconizados, conforme prescreve o Artigo 210, parágrafo 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Brasil, 1988, p. 92).

Tempos mais tarde, surgem outros dispositivos legais amparando a educação escolar indígena como a Lei de Diretrizes e Bases – (Lei 9.394), Plano Nacional de Educação (Lei 10.172), Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação e a Resolução 3/99 do Conselho Nacional de Educação.

Partindo desse pressuposto, o professor indígena, aliado à sua comunidade, passa a percorrer caminhos inversos ao que ocorria, buscando resgatar e fortalecer a cultura Balatipone, assim como revitalizar a língua materna de seus ancestrais. “A escola que em outro momento apagava as línguas indígenas, agora vem com um novo olhar, um olhar do próprio indígena” (Huare, 2015, p. 31), iniciando um novo cenário na educação escolar para o povo Balatipone.

É importante ressaltar que as primeiras iniciativas sobre o resgate da cultura do povo Balatipone e da língua foram iniciadas na década de 70, no ano de 1975, através do chefe do posto, chamado Antônio João de Jesus, o qual foi um servidor da Funai que trabalhou com esse povo durante um determinado período, porém, o senhor Antônio João introduziu a cultura de outros povos sob os Balatipone, que naquele tempo, eram vistos como apátridas.

Tempos depois, a professora Iraci de Oliveira, também servidora da Funai, na primeira metade da década de 80, desenvolveu o mesmo trabalho, porém, ela desconhecia a cultura Balatipone e nas festas tradicionais que auxiliava, eram praticados as danças e os cantos do povo indígena Pareci.

Mais tarde, no ano de 1989, o professor Filadelfo de Oliveira Neto começa a levar para a sala de aula os anciões da comunidade para contar histórias e ensinar as danças e a língua Balatipone para as crianças. Logo depois, essa prática também foi adotada pela professora Maria Alice de Souza Cupudonepa, com as suas turmas, cuja prática se perpetua até os dias de hoje como recurso didático-pedagógico dos professores da escola Julia Pare.

Ressalto aqui, também, o trabalho de resgate da cultura da língua Balatipone encabeçado por mim e pelo grupo que construímos no ano de 1998, quando buscamos revitalizar as danças, a língua, as pinturas corporais e elementos da cultura material utilizados nos rituais. Do mesmo modo, enfatizo as iniciativas desenvolvidas pelo grupo Nação Nativa, no ano de 2.000, que apresentava os mesmos objetivos.

Destaco, também, outro trabalho que desenvolvo com as crianças das séries iniciais, muito antes de ingressar no 3º Grau Indígena: os estudos vocálicos e consonantais da língua buscando organizar um sistema alfabético, tendo como base a dissertação de Lima (1995), cuja iniciativa teve mais consistência após concluir a graduação em Línguas, Arte e Literatura, oferecido pelo 3º grau Indígena (2005-2009). A partir de então, criei outras estratégias e passei

a ensinar o alfabeto da língua Balatipone, através de imagens de elementos culturais presentes no cotidiano das crianças.

Fato interessante, digno de nota, e que vale a pena compartilhar, foram as várias visitas inesperadas dos pais de vários alunos das minhas turmas, que passaram a ir à escola e sondar as minhas aulas de língua materna porque o filho deles da educação infantil estava corrigindo os pais em casa e ensinando os irmãos mais velhos que cursavam o ensino fundamental e médio. Lembro-me de receber vários elogios dos pais dos alunos pela forma como era ministrada a aula. Da mesma forma, recebi muito incentivo para continuidade do ensino da língua Balatipone, ressaltando a importância desta para o nosso povo.

De fato, os trabalhos de revitalização da língua Balatipone são ações que existem desde a chegada do primeiro professor indígena na sala de aula da escola da comunidade Umutina, antiga escola Otaviano Calmon, com a chegada do professor Filadelfo de Oliveira Neto, porém, só passa a ser ensinada na escola Julia Pare com mais intensidade após os primeiros indígenas deste povo conseguirem ingressar no 3º Grau Indígena, pois lá, na universidade, passaram por muita discriminação por outros povos por não serem falantes da língua de seus ancestrais. E foi lá, na mesma universidade, que descobriram a importância e o valor da identidade étnica linguística e cultural, até então sem estima e sem apreço.

Nasce o desejo de revitalizar a sua própria língua, a língua do povo Umutina que estava adormecida e estava somente na memória dos anciões. Após a formação dos professores indígenas, tem início os primeiros trabalhos voltados para a língua Umutina (Huare, 2015, p. 31)

Desde o ano de 2003, a Escola Julia Pare desenvolve com intensa dedicação os trabalhos de revitalização da cultura e da língua Balatipone. “No ano de 2003, os professores indígenas da comunidade Umutina iniciaram o trabalho de revitalização da língua Umutina, na Escola Estadual Indígena Julia Pare” (Huare, 2015, p. 31), garantindo em sua matriz curricular e em seu Projeto Político Pedagógico o ensino desta língua, cabendo, pois, aos professores buscar e criar estratégias para ensiná-la. “O ensino da língua Umutina se dá com base no léxico, de pequenas frases, desde as séries iniciais até ao ensino médio, através da disciplina de língua materna inserida na grade curricular da escola” (Huare, 2015, p. 32). Entretanto, vale destacar, aqui, os conhecimentos e a participação dos dois grupos de danças, criados anteriormente, assim como a participação de Julia Pare na revitalização da cultura e da língua Balatipone, hoje liderada pela escola.

As crianças, jovens e adultos aprendem a língua somente na escola. Sabem cumprimentar, falar o nome dos animais, plantas e outros elementos da cultura, frases, cantar e dançar e assim estarão dando continuidade para as próximas gerações Umutina. A língua não é falada, mas pode-se ouvir pequenas frases na abertura de cerimoniais, encontros e outros eventos (Huare, 2015, p. 32)

Portanto, constituiu-se extremamente importante adquirir outros conhecimentos para desenvolver os trabalhos de revitalização da língua Balatipone em sala de aula, assim como para a realização da presente pesquisa, tornando-se imprescindível a busca por autores que respaldam e amparam os resultados destes trabalhos, assim como buscar pelos anciões e lembrantes da língua deste povo.

Sobre isso, destaco particularmente, as obras e os trabalhos já produzidos, importantes para a presente pesquisa, assim como a minha prática pedagógica, dentro e fora da sala de aula sobre o ensino da língua Balatipone. Destaco aqui, o estudo de Schmidt, intitulado: *Los Barbados o Omotina em Mato Grosso* (1941), obra que traz dados coletados em uma expedição etnográfica, ocorrida entre os Balatipone, no ano de 1928.

Schultz é um autor de extrema importância que oferece elementos e subsídios para esta pesquisa, assim como para a minha prática pedagógica. Ele permaneceu entre os Balatipone por um determinado período, nos anos de 1943, 1944 e 1945, oportunidade em que realizou vários registros sobre a cultura e a língua desse povo, inclusive conseguiu realizar vários registros através de imagens e vídeos.

Sobre o autor, destaco as seguintes publicações: “*Vocabulário dos Umutina*” (1952), cuja obra auxilia os trabalhos de ensino de palavras na língua Balatipone para os alunos, através de imagem de elementos da cultura deste povo, presentes no dia a dia das crianças, conforme as figuras 27, página 62, deste trabalho. Também desenvolvi vários projetos com diversas atividades, e como exemplo, ressalto o projeto com o tema: “*hare*”, que significa peixes, e o projeto “*zati*”, que significa animais, e muitos outros.

Outra obra de Schultz é *Vinte e três índios resistem à civilização* (1953), cuja história prende os alunos durante a leitura e narração em aula. A obra fala sobre fatos ocorridos e vivenciados pelo autor na aldeia mais antiga do território Balatipone, a aldeia Macepo. As crianças adoram ouvir essa história por causa do enredo que ela desenvolve, mas principalmente porque é uma história do nosso próprio povo.

Ainda sobre Schultz, destaco uma separata da revista do Museu Paulista denominada: *Informações etnográficas sobre os Umutina* (1962), obra que chegou ao meu conhecimento no ano de 1997. E no ano de 1998, através dela, iniciamos os primeiros trabalhos de revitalização

da cultura Balatipone. Esta conta em textos e fotos a história do nosso povo, cuja leitura transcende, nos leva a um passado desconhecido e inimaginável. Ela contribuiu e ainda hoje contribui para a revitalização das danças, cantos, pinturas corporais e elementos da cultura Balatipone usados em cada ritual, através de aulas práticas promovidas pelo professor e pela escola.

No ano de 1995, Lima publica o resultado da sua dissertação de mestrado. Essa pesquisa foi realizada na aldeia Umutina no ano de 1994 com o senhor Jula Paré, o último ancião Balatipone conhecedor da língua, cujo trabalho é de extrema relevância para os Balatipone, em especial para a minha prática pedagógica, pois é a partir dela que ensino as letras do alfabeto para as crianças e a partir de então, inicio os trabalhos de escrita das palavras.

No ano de 1998, esta pesquisa subsidiou os trabalhos que foram desenvolvidos sobre o resgate e revitalização desta língua, tendo sido através do estudo e análise desta obra que conseguimos compreender e aprender sobre a estrutura da língua Balatipone. Do mesmo modo, foi através desta dissertação que conseguimos escrever novas frases e construir pequenos textos nesta língua, como pode ser observado nas figuras 33 e 34 da página 66 deste trabalho.

E por isso, aqui destaco a dissertação de mestrado de Lima (1995), intitulada: *A língua Umutina, “um sopro de vida”*. Esta publicação aborda uma prévia descrição sobre a fonologia e aspectos da morfologia da língua Balatipone. Ressalto, ainda, o artigo produzido pela mesma autora, Lima (2007), com o tema: “Flexão temporal em Umutina”, organizado por Rodrigues e Cabral (2007), publicado no livro *Línguas e Culturas Macro-jê*. Ambos os trabalhos foram de fundamental importância na sistematização da minha prática pedagógica no aporte desta pesquisa.

Ainda, sob a mesma dinâmica, apresento a tese de doutorado de Cruz (2012), intitulada: *O Umutina no discurso do contato: “a busca da identidade linguística e cultural”*. Nesta obra, a autora realiza uma releitura dos aspectos fonético, fonológico e morfológico da língua Balatipone, através dos trabalhos produzidos por Schmidt (1941), Schultz (1951) e Lima (1995) a qual também auxilia e ampara minha prática pedagógica no ensino da língua Balatipone, assim como sustenta os estudos para esta pesquisa, conforme nota-se nas figuras 29 e 30 da página 68, deste trabalho.

Outras pesquisas, tão importantes quanto as demais acima mencionadas, que também se alinham dando suporte e auxílio a esta pesquisa e ao meu trabalho em sala de aula, é a dissertação de mestrado de Huare (2015), intitulada: *Léxico remanescente Umutina – Repertório linguístico de seus lembrantes*, cujo trabalho foi fundamental para o estudo do léxico da língua Balatipone durante as atividades em sala de aula, e a monografia de especialização

do professor Balatipone, Luizinho Ariobô Quezo, com o título: *Construção de frases na língua Umutina a partir de seus elementos culturais* (2010). Esta pesquisa contribuiu para o meu trabalho em sala de aula nas atividades de construção e produção de frases na língua Balatipone, conforme as figuras 35 e 36 da página 71 deste trabalho.

Ressalto, também, além das dissertações, monografias e teses apreciadas durante a leitura para o desenvolvimento desta pesquisa, e avaliando de igual ou até mesmo, de valor maior, a participação dos anciãos e dos lembrantes da língua Balatipone: a senhora Gracilda Gonçalves Amajunepa, Silvio Amajunepá, Nazarina Enemará, Jeovanil Amajunepá, Ivanildes Bakonepá, Adelaide Calomezore, Jovail Amajunepá (*in memorian*), Inês Bakonepá (*in memorian*), Apikoré Amajunepá (*in memorian*), Julá Paré (*in memorian*) e Antônio Wapodonepá (*in memorian*). Destaco todo o conhecimento e aportes oferecidos para o desenvolvimento desta pesquisa e para o incremento dos trabalhos em sala de aula.

Então, provido por dispositivos legais que legitimam a escola indígena e suas ações em toda a sua essência, assim como a minha própria prática pedagógica, aliada aos conhecimentos adquiridos, hoje leciono de acordo com os anseios da comunidade, levando para sala de aula aquilo que tem relevância para os alunos e para o povo. A respeito disso, trago a revitalização e o ensino da língua Balatipone, visto que falar este idioma é o maior desejo deste povo.

Movido pela necessidade de criar outros meios para ensinar a língua Balatipone, assim como pela carência de materiais específicos nesta língua, especialmente para trabalhar com as crianças, passei a prevalecer-me de uma brincadeira exclusiva do povo Balatipone, denominada *Xiripá*, utilizando-a como recurso didático-pedagógico para ensinar palavras e frases neste idioma. E a partir disso, arquitetei, em parceria com a professora Rosinete Zoizoquialo Amajunepa, educadora dos alunos das séries iniciais, várias estratégias que também são empregadas como recursos didático-pedagógicos. Dessa forma, passamos a contribuir mais efetivamente para a revitalização da língua.

Para ensinar a língua Balatipone para as crianças de forma agradável e prazerosa, assim como na brincadeira *Xiripa*, buscamos no universo infantil algo que pudéssemos aproveitar, aplicar nossos métodos e atingir nossos objetivos sem provocar estresses nas crianças. Então, criamos a brincadeira da ariranha para ensinar o nome dos peixes. Para ensinar o nome das aves, criamos a brincadeira do *Ayjipoxipá*. E *jukuyta* é uma brincadeira criada para ensinar o nome dos animais. Além disso, criamos várias outras atividades como músicas e ilustrações para ensinar os números, cores, partes do corpo e termos de parentesco na língua Balatipone, as quais estão disponíveis para serem aplicadas de acordo com o objetivo e finalidade que se deseja alcançar.

No entanto, para que isso fosse possível, foi imprescindível compreender a história dos meus ancestrais com resiliência. Aceitar o passado e deixar de ser uma vítima frágil compassiva às situações adversas. E somente assim, continuar a busca por soluções ou formas de adaptação às novas realidades. Contudo, foi preciso adotar uma postura incapaz de se intimidar com as adversidades, se tornando cada vez mais forte. E nesta constante busca pela revitalização da língua Balatipone, conseguimos nos reinventar, ressignificando nossos valores, e assim, encontramos alternativas que atendessem especificamente às nossas necessidades. E dessa forma criamos a nossa pedagogia, com a nossa cara, com o nosso jeito, com o nosso DNA. Criamos a pedagogia do próprio povo Balatipone.

3. A BRINCADEIRA XIRIPA E ENSINO DA LÍNGUA BALATIPONE

Neste capítulo, apresentamos a proposta de trabalho desenvolvida com os alunos das turmas do ensino fundamental I (terceiro, quarto e quinto anos), da Escola Municipal Indígena Jula Pare, localizada no município de Barra do Bugres – MT, cujo trabalho se desenvolveu a partir de uma brincadeira tradicional do povo Balatipone, denominada Xiripa.

3.1 A proposta de ensino

Durante todos os anos de trabalho como professor da unidade escolar Jula Pare, surgem diversos desafios quanto ao resgate, ensino e fortalecimento da língua, ora pela carência de materiais didáticos específicos em Balatipone, ora pela necessidade de materiais organizados em séries/anos, bem como pela não existência de material lúdico ou de atividades lúdicas específicas para o ensino da língua, porém, o maior obstáculo é a ausência de falantes desta língua.

Apesar de todas as limitações enfrentadas durante os anos letivos, a escola, através do seu corpo docente, tem se esforçado para ensinar aspectos desta língua, ao máximo, porém, este ainda se encontra muito centrado nos poucos materiais disponíveis e muito restrito à sala de aula. A escola, no entanto, vem buscando outras estratégias para promoção do ensino da língua como, por exemplo, levar os estudantes até as residências dos anciãos das comunidades do território, assim como, convidar os lembrantes da língua e da cultura a irem até à escola compartilhar seus conhecimentos com a comunidade escolar através de palestras ou oficinas.

E mesmo perante aos esforços dos professores Balatipone, ainda é preciso não só buscar, mas criar outras estratégias e recursos didático-pedagógicos mais eficientes que visem à revitalização do idioma de origem. E foi com essa finalidade e movido pela necessidade de buscar outros mecanismos que fomentem o ensino da língua, com prazer e alegria, é que surgiu a presente sequência didática com objetivos extremamente explícitos de contribuir e fornecer auxílio ao trabalho do professor da área da linguagem dentro e fora da sala de aula.

Sob essa mesma ótica optou-se por recursos didáticos pedagógicos que fossem prazerosos para os alunos, tocante aos pais e contagiante ao povo Balatipone, já que somente os povos que perderam grande parte da sua cultura e que vivem uma busca constante de suas raízes, conseguem apreciar e valorizar, ainda que mínimo, o fortalecimento de seus aspectos culturais. E do mesmo modo são capazes de reconhecer e enxergar, na prática exercida, características intrínsecas da sua identidade cultural.

Do mesmo modo, espera-se que o presente trabalho possa inspirar e auxiliar outros professores Balatipone a criarem outras estratégias didáticas para ensinar a língua materna

ancestral. E igualmente espera-se que professores de outros povos indígenas tomem conhecimento desta pesquisa e assim possam inspirar as suas práticas pedagógicas, pois o trabalho pode ser utilizado como base para outras atividades lúdicas e modalidades esportivas coletivas com todas as séries, fases e anos do ensino regular.

Foi através de observações da vivência das crianças no dia a dia delas na comunidade, no pátio da aldeia, nos rios e córregos, nos fundos dos quintais de suas casas, na escola e na própria sala de aula que se pôde perceber que esses lugares estão repletos de atividades lúdicas que as crianças praticam entre elas e do jeito delas. E diante desse universo lúdico foi necessário um olhar mais direcionado para captar apenas uma das brincadeiras e aproveitá-la como recurso didático para promover o ensino da língua Balatipone, e na ocasião, foi selecionada a brincadeira denominada Xiripa.

3.2 A brincadeira Xiripa

A Xiripa⁵ é uma brincadeira praticada pelo povo Balatipone durante os banhos nos córregos e rios que banham as aldeias do território. Segundo Inês Bakonepa, Apikore Amajunepa e Julia Pare (*in memorian*), esta brincadeira existe desde o tempo de suas infâncias. Em suas narrativas, afirmavam ter brincado muito como as outras crianças quando iam tomar banho de rio na companhia de seus pais. Ainda hoje, todos os adultos do povo Balatipone se recordam desta brincadeira, afirmando que já se divertiram muito, brincando de Xiripa junto com as outras crianças da sua época. Contam que a Xiripa se torna mais divertida em tempos chuvosos, pois os córregos e rios se encontram cheios e os participantes da brincadeira podem fugir do pegador com mais agilidade. E, realmente, quando os rios estão cheios, a fuga se torna mais fácil; como membro do povo Balatipone, lembro muito bem desta brincadeira, pois já me diverti muito, brincando de Xiripa na companhia de meus primos.

Como em todos os jogos e brincadeiras, nesta também há algumas regras a serem obedecidas:

- Ter acima de quatro participantes;
- Restringir o local da brincadeira;
- Não sair da água;
- Não devolver de imediato a Xiripa ao pegador,

⁵ Xiripa: Brincadeira indígena do povo Balatipone, praticada na água (palavra sem tradução na língua portuguesa).

- Descansar imune, somente em local previamente definido pelos participantes, podendo ser uma árvore, tronco de árvore, um barco ou qualquer coisa que esteja flutuando ou submerso na água.
- Se auto imunizar somente em casos de imprevistos;
- Fica livre para descansar em qualquer lugar como tronco de árvores ou nas próprias árvores, canoas, sentar às margens do rio desde que não pisem em solo seco.

O participante que violar as regras passa, automaticamente, a ser o pegador da Xiripa e terá que correr atrás de outros participantes para tentar pegá-los.

A brincadeira começa com os participantes escolhendo um de seus companheiros para ser o pegador da Xiripa. Para escalar o pegador inicial da Xiripa, não há uma regra específica e a forma de escolha é bastante diversa, podendo ser escolhido pela maioria, se auto escolhendo, ser aquele que pular por último na água, através de corrida, tiro ao alvo, tirar a sorte, entre outros.

Após definir o pegador, começa a brincadeira. O pegador precisa correr atrás dos participantes e tocar na cabeça de qualquer um deles; assim que um for tocado, este passa a ser o pegador. Agora, os demais precisam fugir deste, que por sua vez passa a persegui-los até tocar na cabeça de outro e passar a Xiripa. Quando estes já estão cansados, correm para o local da imunidade onde não podem ser pegos. E assim segue sucessivamente a Xiripa. A diversão só termina quando já estão cansados ou resolvem se divertir praticando outra brincadeira.

Durante a brincadeira ou quando alguém está sendo perseguido pelo pegador da Xiripa e por ventura, sofrer algum acidente, a vítima levanta a mão proclamando autoimunidade e pausa dizendo a seguinte palavra: *Ati'a*, que automaticamente é concedida pelo pegador da Xiripa. Na ocorrência desses casos, o próprio pegador socorre prestando todo auxílio possível e, quando necessário, conta com a ajuda dos demais.

No final da brincadeira, perde aquele que termina como pegador da Xiripa e ganha aquele ou aqueles que não foram pegos ou que foram menos pegos pelos pegadores da Xiripa.

A Xiripa praticada no seco, ou seja, fora da água, segue as mesmas regras, porém com algumas diferenças. Inicia-se da mesma forma:

- Limitando o local, que normalmente são os limites de um campo de futebol Society ou a metade deste campo, o que vai depender muito da quantidade dos participantes;
- Escolha do local de imunidade podendo ser as traves do campo de futebol;
- Escolha, indicação, votação ou voluntariado de dois, três ou mais pegadores da Xiripa, dependendo da quantidade dos participantes da brincadeira;

Nesta brincadeira, as crianças criam estratégias para pegar outros participantes. Os pegadores da Xiripa se juntam dando as mãos e cercam os participantes até pegar um deles tocando na cabeça. E assim seguem até passar a Xiripa para os outros participantes da brincadeira.

A brincadeira se encerra quando as crianças já estão cansadas ou quando decidem se divertir praticando outra brincadeira.

3.3 Brincadeira, aprendizado e produção

Inicialmente, foi elaborado um plano de sequência didática, especificamente para o ensino da língua Balatipone através da atividade lúdica Xiripa, dividido em etapas.

Na implementação da execução do plano da sequência didática, inicialmente, dia 03 de março de 2023, em sala de aula, fora apresentada e explicada aos alunos a brincadeira e as regras da Xiripa. No segundo momento, neste mesmo dia, os alunos do terceiro, quarto e quinto anos foram convidados para tomar banho no córrego Helatinopo (pequeno afluente que nasce dentro do território Umutina e deságua no Rio Paraguai) e brincar de Xiripa. Às margens do córrego, foi realizada mais uma explicação sobre as regras da brincadeira. Logo que entenderam, as crianças começaram a brincar.

O professor observou o entretenimento e a interação entre as crianças, e, na ocasião, foi realizando seus registros através de imagens e áudio, e anotações em seu caderno de campo das palavras e frases que as crianças foram pronunciando (em português) durante a diversão.

As brincadeiras no Helatinopo (córrego 18) aconteceram durante três sextas-feiras consecutivas, ou seja, dias 03, 10 e 17 de março de 2023. Ocorrendo sempre nos últimos horários de aula, no Olaripo (Rio Paraguai), as brincadeiras aconteceram duas vezes em duas sextas-feiras seguidas, ou seja, nos dias 24 e 31 de março de 2023. Por ser um rio que se localiza mais longe da escola, as brincadeiras aconteceram após o intervalo da aula. Com a finalidade de averiguar se as crianças pronunciariam outros vocábulos e novas expressões, não foi possível coletar, pois foram pronunciadas pelas crianças apenas aquelas que já haviam sido coletadas.

Nos dias 05 e 12 de maio de 2023, as aulas foram organizadas em uma aldeia que se localiza a 9 km da escola, aldeia Vale do rio Bugres. Essas aulas aconteceram no período vespertino com a finalidade de finalizar as observações das palavras e expressões que as crianças dispõem durante a brincadeira.

Figura 23: Crianças Balatipone brincando de Xiripa no córrego 18



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24: Crianças Balatipone brincando de Xiripa no Rio Paraguai



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25: Crianças Balatipone brincando de Xiripa no Rio Bugres



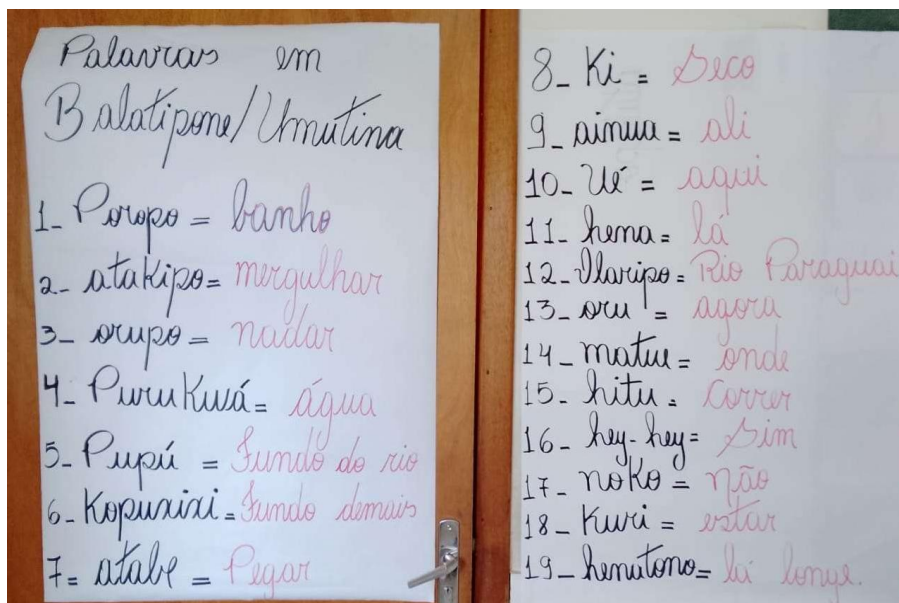
Fonte: Acervo pessoal.

Na semana seguinte, ou seja, entres os dias 15 a 19 de maio de 2023, o professor realizou suas pesquisas bibliográficas e pesquisas na comunidade, com lembrantes da língua Balatipone para buscar auxílio na transcrição de algumas palavras e expressões.

Após as pesquisas, o professor passou para a organização dos dados, que ocorreram entre os dias 22 a 26 de maio de 2023. Após finalizar, no dia 31 do mesmo mês do corrente ano, durante o primeiro período da aula, foram escritas na lousa todas as palavras e frases que os alunos pronunciaram na língua portuguesa durante a brincadeira Xiripa com o respectivo significado em Balatipone. Os alunos copiaram, em seus cadernos.

Logo após, foram produzidos cartazes com as palavras que estavam escritas no quadro e em seguida, afixadas ao lado da porta para que todos pudessem visualizar e ler. Em seguida, foi realizada a leitura coletiva e individual dos cartazes. A leitura dos respectivos cartazes tornara-se costume em sala de aula no horário de entrada, intervalo e horário de saída.

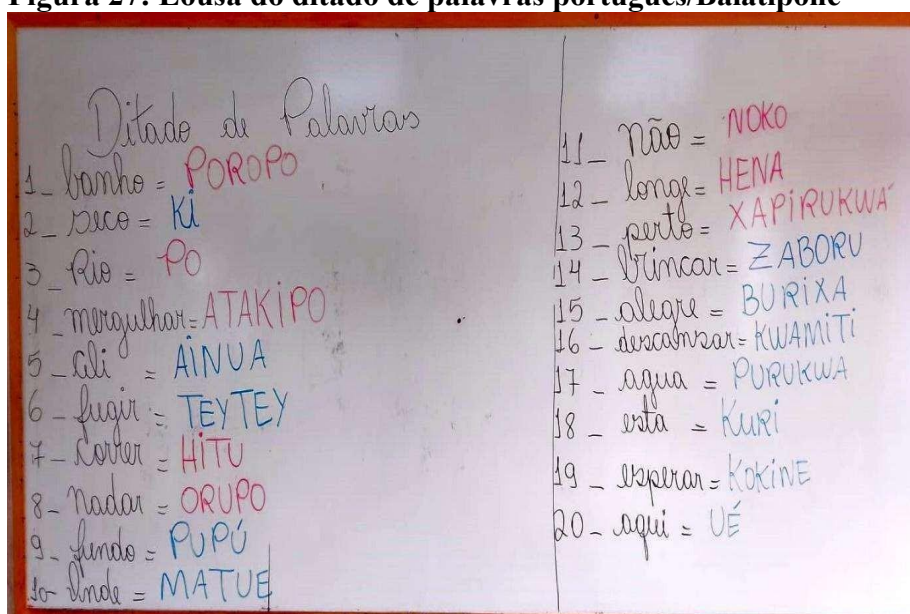
Figura 26: Cartaz com palavras em Balatipone/Português



Fonte: Acervo pessoal.

Na semana dos dias 12 a 16 de maio de 2023, como de costume, iniciaram-se as aulas com a leitura dos cartazes. Durante essa semana, após a leitura dos cartazes, eram realizados ditados de palavras em língua portuguesa. Logo que o professor parava de ditar as palavras, solicitava aos alunos que escrevessem na língua Balatipone. Logo que todos finalizaram a atividade, realizavam-se as correções. A correção foi realizada na lousa, cada aluno se levantou e foi até ao quadro escrever o significado correspondente das palavras em Balatipone. Em seguida foi realizada a leitura coletiva e individual das palavras.

Figura 27: Lousa do ditado de palavras português/Balatipone



Fonte: Acervo pessoal.

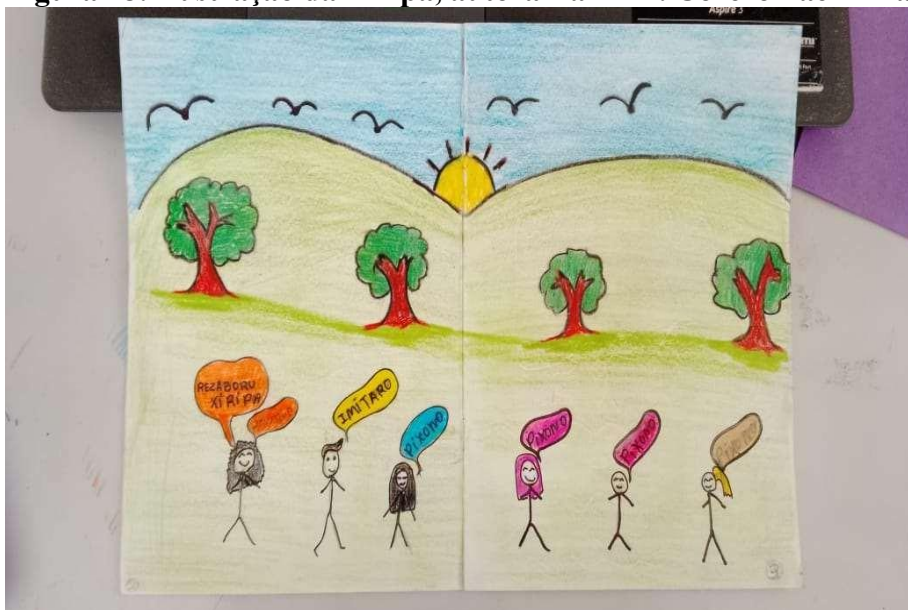
As correções destas atividades aconteceram na lousa da seguinte forma: aluno por aluno era convidado pelo professor a se dirigir até ao quadro e responder na língua Balatipone uma das palavras do ditado que já se encontrava escrita no quadro branco, em língua portuguesa e em ordem numérica.

Após as correções da escrita, foram realizadas leituras individuais e coletivas, conforme a seguinte metodologia: o professor realizava a leitura de uma palavra na língua portuguesa e solicitava a um determinado aluno que respondesse em Balatipone. Assim foi realizada a leitura até que os alunos participassem da leitura de todas as palavras. Finalizando a leitura individual, foi realizada a leitura coletiva, onde o professor realizava a leitura das palavras em língua portuguesa e os alunos respondiam na língua Balatipone.

Este processo de escrita e leitura na língua Balatipone é o momento da memorização, visto que a prática da leitura e escrita facilita a memorização das palavras.

Na semana seguinte, entre os dias 19 a 23 de maio de 2023, no segundo período da aula, as atividades ocorreram através de desenhos e ilustrações da atividade lúdica Xiripa. Nesta atividade, os alunos produziram diversos desenhos de momentos que eles vivenciaram durante a brincadeira. As palavras que eles falaram em língua portuguesa nos momentos das brincadeiras foram escritas em balões, na língua Balatipone. Logo que terminaram os trabalhos, foi solicitado que cada um fizesse a exposição e a explicação da sua produção, juntamente com a leitura em Balatipone que eles próprios escreveram.

Figura 28: Ilustração da Xiripa, autora Tami M. Corezomaé – 4º ano

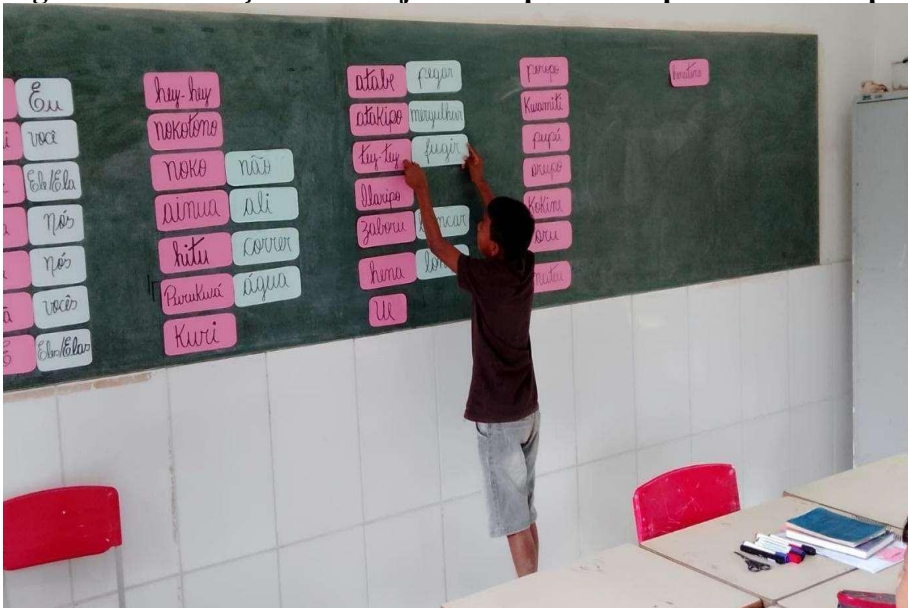


Fonte: Acervo pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31: Tradução com tarjetas do quadro de palavras Balatipone/Português.



Fonte: Acervo pessoal.

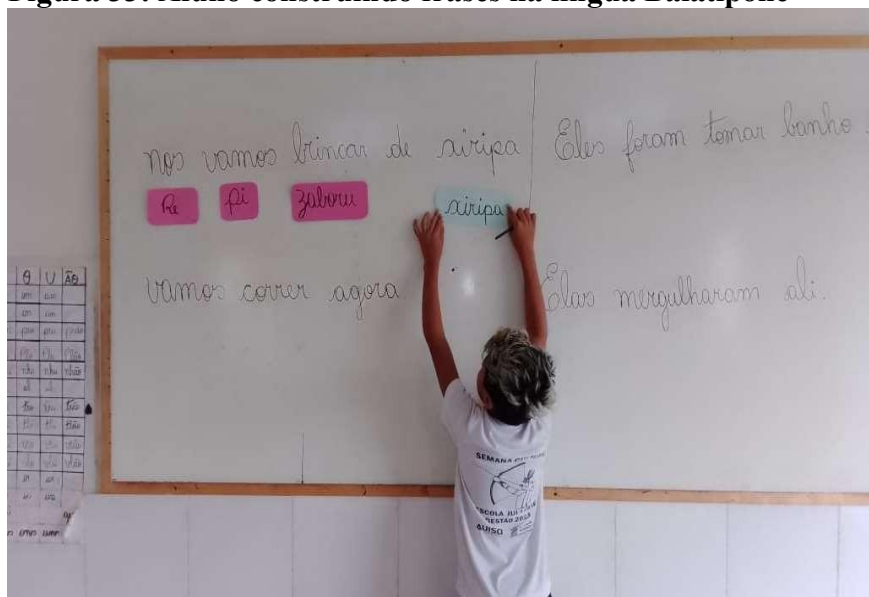
Figura 32: Quadro de palavras traduzido com tarjetas Balatipone/Português.



Fonte: Acervo pessoal.

Até este momento, as atividades tiveram como foco a busca e revitalização do léxico da língua Balatipone. O estudo do léxico, ou seja, do conjunto de todas as palavras desta língua apresentadas e disponíveis aos alunos nas obras de Tan Huare (2015), Cruz (2012), Schultz (1952) e Schmidt (1941), visaram fomentar a interação entre eles, seja por meio da fala ou da escrita e para que assim pudéssemos continuar com os trabalhos, passamos para a construção de frases na língua Balatipone.

Figura 33: Aluno construindo frases na língua Balatipone



Fonte: Acervo pessoal.

Nesta etapa, tomamos como ponto de partida o estudo da sintaxe, que é a parte gramatical que estuda a função e disposição das palavras em frases, orações e períodos, e todas as relações condicionais entre elas para construir o significado de uma frase. Nesse sentido, o aspecto sintático procurou ser bastante explorado. Nesta parte, a obra de Lima (1995) subsidiou os trabalhos, conforme as figuras 35 e 36.

Para estas atividades foram utilizadas as mesmas tarjetas da atividade anterior. A atividade se iniciou com o professor solicitando aos alunos que construíssem várias frases oralmente, e enquanto isso, aquele foi escrevendo-as na lousa oposta, visto que a sala de aula possui duas lousas.

Logo que o professor finalizou a escrita no quadro, solicitou aos alunos que, um a um, se dirigissem ao outro quadro, onde estavam as tarjetas e retirasse uma, cujo significado fosse igualmente às palavras que foram escritas na lousa em língua portuguesa. E assim foi feito. E dessa forma foram sendo realizadas as traduções das frases na língua Balatipone. Logo que as frases foram sendo traduzidas, com as tarjetas, para a língua Balatipone, os alunos copiavam em seus cadernos e realizavam a leitura individual e coletiva.

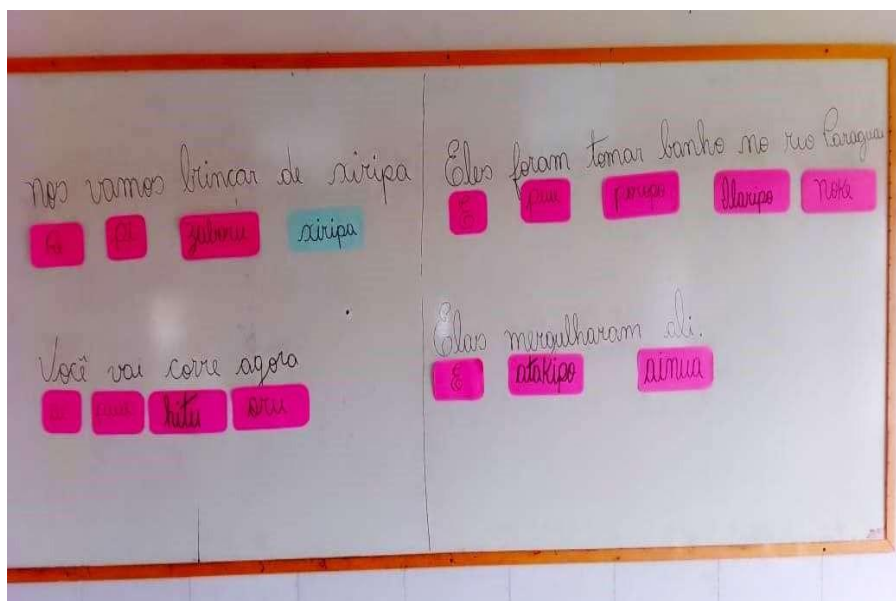
As leituras individuais realizadas pelos alunos aconteceram da seguinte forma: aluno por aluno foi chamado pelo professor e este solicitou que fizesse a leitura das frases na língua Balatipone. Finalizando a leitura individual, foi realizada a leitura coletiva, que se sucedeu da seguinte forma: o professor realizava a leitura em língua portuguesa e os alunos respondiam na língua Balatipone. Dessa forma aconteceu a leitura coletiva até que os alunos realizassem a leitura de todas as frases escritas.

Figura 34: Alunos construindo frases na língua Balatipone



Fonte: acervo pessoal.

Figura 35: Lousa com frases na língua Balatipone construídas pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal.

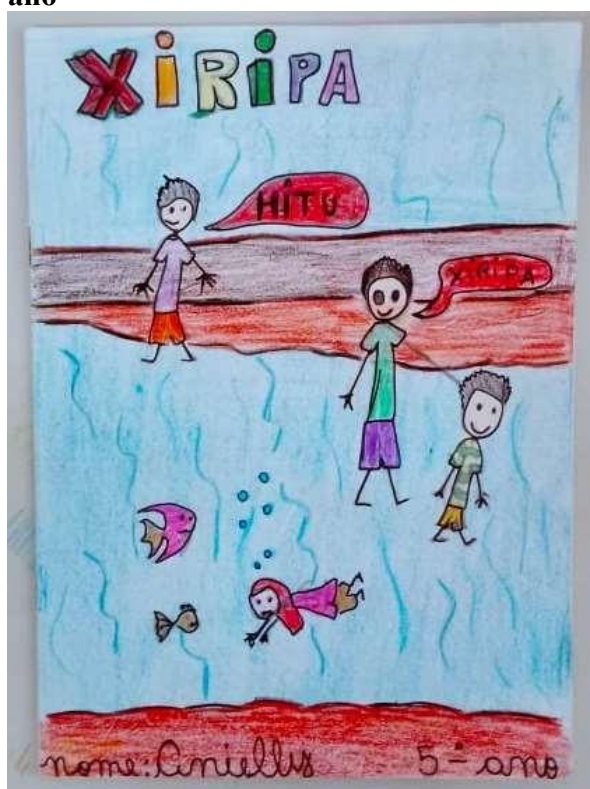
Figura 36: Leitura e escrita na língua Balatipone.



Fonte: Acervo pessoal.

Para finalizar o trabalho de ensino da língua Balatipone, os alunos, juntamente com o professor, produziram histórias em quadrinhos sobre a brincadeira Xiripa. Cada aluno confeccionou a sua própria história, de acordo com as experiências vivenciadas por eles durante as brincadeiras.

Figura 37: História em quadrinhos na língua Balatipone, autora Anielly Boroponepa – 5º ano



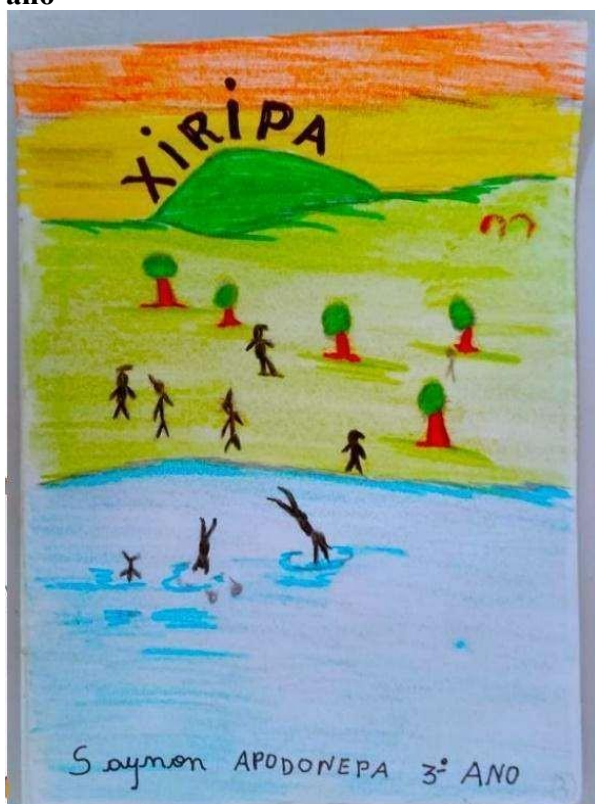
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 38: História em quadrinhos na língua Balatipone, autor Cristian Apodonepa – 4º ano



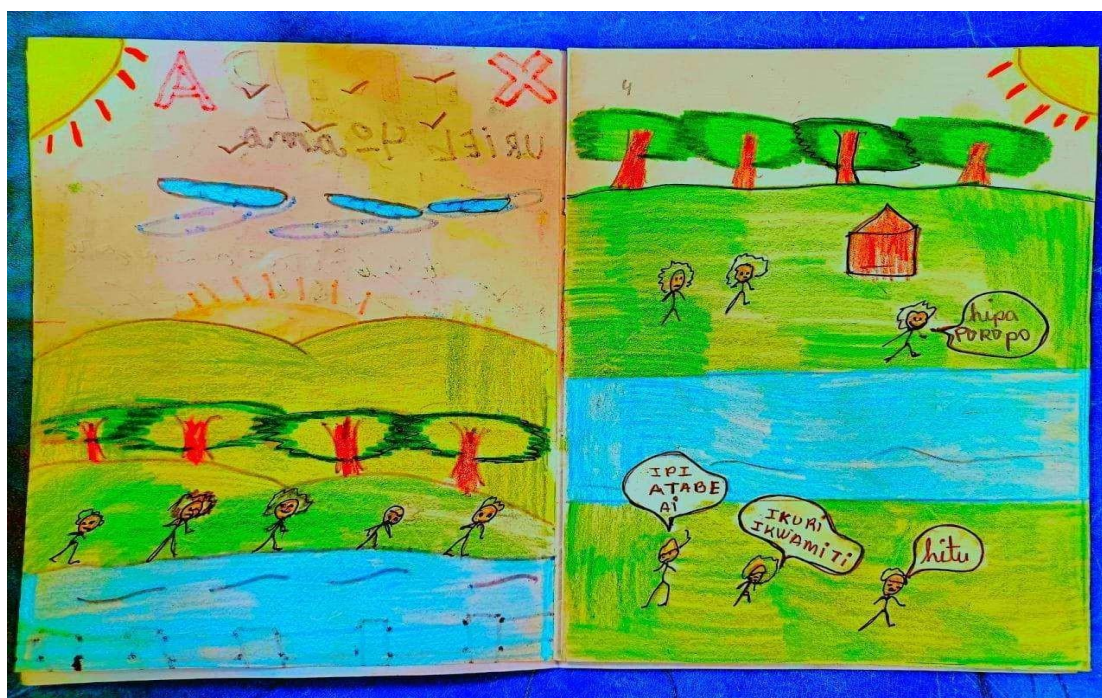
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 39: História em quadrinhos na língua Balatipone, autor Saymon Apodonepa – 3º ano



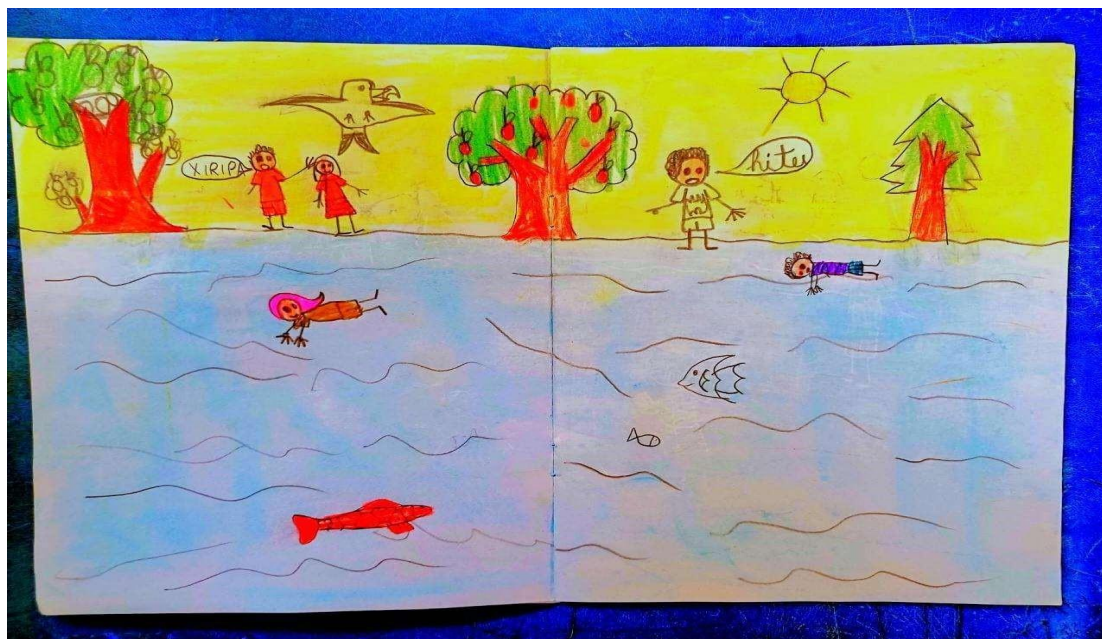
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 40: Ilustração da brincadeira Xiripa.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 41: Ilustração da Xiripa.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 42: Ilustração da Xiripa.



Fonte: Acervo pessoal.

QUADRO DE ATIVIDADES COM RESPECTIVAS DATAS E HORÁRIOS

ETAPA	DATA	ATIVIDADES	HORARIOS
	03/03/2023	Explicação sobre a brincadeira Xiripa e suas regras.	09h30min às 09h50min

1º Etapa	03/03/2023	Brincadeira Xiripa no córrego 18. (Helatinopo)	10h00min às 11h00min
	10/03/2023	Brincadeira Xiripa no córrego 18. (Helatinopo)	10h às 11h
	17/03/2023	Brincadeira Xiripa no córrego 18. (Helatinopo)	10h00min às 11h00min
2º Etapa	24/03/2023	Brincadeira Xiripa no Rio Paraguai. (Olaripo)	09h00min às 11h00min
	31/03/2023	Brincadeira Xiripa no Rio Paraguai. (Olaripo)	09h00min às 11h00min
3º Etapa	05/05/2023	Brincadeira Xiripa no Rio Bugres. (Xopo)	13h00min às 15h00min
	12/05/2023	Brincadeira Xiripa no Rio Bugres. (Xopo)	13h00min às 15h00min
4º Etapa	15 a 19/05/2023	Pesquisa bibliográfica e na comunidade.	15h00min às 17h00min
5º Etapa	22 a 26/05/2023	Organização dos dados.	15h00min às 17h00min
6º Etapa	31/05/2023	Produção de cartazes	07h00min às 11h00min
	12 a 16/06/2023	Ditados de palavras na língua Balatipone	07h00min às 09h00min
	19 a 23/06/2023	Produção e ilustração de gibis sobre a brincadeira Xiripa	09h00min às 11h00min
	26 a 30/06/ 2023	Produção e atividades com tarjetas	09h00min às 11h00min

Esta proposta de ensino da língua Balatipone através da brincadeira Xiripa, tradicionalmente do povo Balatipone, foi dividida em etapas, como pôde-se observar no quadro acima, tendo cada fase se apresentadode forma bastante eficiente e produtiva.

Iniciar os trabalhos levando as crianças nos rios para brincar de Xiripa e ao mesmo tempo observar e realizar os registros durante a brincadeira proporcionou uma observação minuciosa e detalhada sobre ação intrínseca dessas crianças. E continuar com a pesquisas através de referências e especialmente na comunidade através dos anciões e lembrantes da língua Balatipone, permitiu transcrever, nesta língua, as palavras e frases que as crianças pronunciaram durante a brincadeira Xiripa. E somente então, pode-se desenvolver várias atividades pedagógicas em sala de aula que se complementaram promovendo o ensino e aprendizagem dos alunos alcançando de forma eficiente os objetivos propostos neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida na comunidade indígena Umutina com as crianças do povo Balatipone, alunos das séries iniciais da Escola Municipal Indígena Jula Pare, localizada na Aldeia Umutina, no município de Barra do Bugres-MT. Nesta, buscou-se contribuir para a promoção da revitalização da língua indígena Balatipone do povo Balatipone através de uma brincadeira tradicional denominada Xiripa.

No trabalho, vimos um pouco da cosmologia deste povo através do mito da criação dos homens. Muito interessante, pois mostra que todos os homens foram criados pelo mesmo criador, porém, cada qual com características bastante específicas, diferenciando-se uns dos outros, cujo mito atravessou gerações, e ainda, na atualidade, é narrado.

Aprendemos, por meio de fontes históricas, sobre a trajetória percorrida pelos Balatipone ao longo de sua existência até chegarem onde hoje habitam. Também vimos o esclarecimento quanto às denominações e a autodenominação do próprio povo, buscando através de seus conhecimentos cosmológicos elementos intrínsecos da natureza que de fato definissem a sua identidade étnica. Enxergamos, também, o genocídio e o etnocídio provocados pelo contato e suas consequências para essa população, e assim, descobre-se o porquê da língua materna Balatipone ter deixando de ser usada pelos seus falantes e porque ela caiu no silenciamento.

Observou-se o papel e a função atual da escola na comunidade, esta que outrora fora construída e planejada com a finalidade de integrar o povo Balatipone à sociedade majoritária, através de estímulos e incitações ao abandono de suas crenças e da própria identidade. Acima de tudo, enxerga-se o quão importante é a presença do professor indígena dentro da escola da sua própria comunidade. Este surge como uma esperança, onde o povo possa lançar suas perspectivas na luta pelo resgate da cultura e pela revitalização da língua materna de seus ancestrais, pois entende que o professor age de acordo com os valores e princípios étnicos e culturais do próprio povo, reconhecendo e trabalhando na escola, o que é importante para a sua comunidade e para o povo.

Além disso, percorremos também, por uma história cheia de barbárie e cruel cometida contra o povo Balatipone e sua língua ancestral que outrora possuía centenas de falantes, pertencendo à família Bororo e à ramificação macro-jê. Após o contato, os Balatipone enfrentaram a epidemia que provocou a morte da grande maioria de seus falantes, o que causou o aniquilamento da língua, e logo em seguida, surgiram as proibições e os castigos sobre o povo, que sobreviveu às epidemias, por causa do uso desta língua materna, fatos que levaram a língua Balatipone ao silenciamento.

Observamos ainda, que a partir da Constituição Federal de 1988, surgiu um novo olhar sobre a educação escolar indígena, difundindo-se outros dispositivos legais amparando uma educação específica intercultural e bilíngue, assim como os processos próprios de ensino aprendizagem. E por meio disso, o professor Balatipone inicia o caminho inverso buscando resgatar a cultura do povo, assim como a língua materna de seus ancestrais, por meio de estratégia criada por eles para ensinar a língua.

Além de tudo, vimos que a partir das sondagens no universo das crianças, foi possível a elaboração de uma proposta que partiu do próprio mundo delas e para elas. Assim, a pesquisa se desenvolveu de forma leve, livre e solta com muitas brincadeiras de xiripa que promoveram muita diversão fora da escola. A xiripa é uma brincadeira tradicional do povo Balatipone que acontece durante os banhos nos córregos e rios do território, e serviu de recurso didático-pedagógico para o professor para o ensino da língua Balatipone, utilizando-se de metodologias que foram bastante eficientes, com brincadeiras, anotações, análises e trabalhos em sala de aula, seguidas de muita oralidade até chegar a um produto final: a sequência didática desenvolvida.

Apesar da conclusão do trabalho e da possibilidade da criação de uma sequência didática, nota-se, que ainda é preciso que sejam realizadas outras pesquisas, assim como a possibilidade de criação de novas estratégias e mecanismos para o ensino da língua Balatipone, mas que não fiquem apenas em sala de aula sendo capazes de contribuir para a promoção da revitalização da língua materna de seus ancestrais em todas as comunidades do território.

Particularmente, esta pesquisa, permitiu-me um mergulho imersivo acessando às memórias enraizadas e dentro de mim, memórias ancestrais construídas junto aos anciões Balatipone, mas que ao longo dos anos permaneceram em silêncio, porém, por meio deste acesso, emergiram conhecimentos extremamente importantes e fundamentais no aporte a este trabalho, e, principalmente, na conquista de uma postura mais empoderada e comprometida com a educação indígena. Além disso, proporcionou a criação de estratégias didático-pedagógicas que se mostraram eficientes e se transformaram na pedagogia do próprio povo Balatipone com a nossa cara, com o nosso jeito, capazes de transmitir conhecimentos e saberes ancestrais do povo Balatipone aos presentes e às futuras gerações.

CONSULTORES NATIVOS

ADELAIDE CALOMEZORE

GRACILDA GONÇALINA AMAJUNEPÁ

IVETE ENEMARE

JEOVANIL AMAJUNEPÁ

NAZARINA ENEMARÉ

SILVIO AMAJUNEPÁ

REFERÊNCIAS

Cruz, Mônica Cidele da. Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural / Mônica Cidele da Cruz. - Campinas, SP: [s.n.], 2012. Disponível em: < https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Acruz-2012/cruz_2012_umutina.pdf >. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

<https://earth.google.com/web/search/terra+indigena+umutina> > acesso em: 09 dezembro de 2023.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

<http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10204-13-parecer-cne-ceb-14-99-diretrizes-curriculares-nacionais-da-educacao-escolar-indigena> > Acesso em: 25 de fevereiro de 2024

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y > Acesso em: 26 de fevereiro de 2024.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm > Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.

<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/915/resolucao-cne-ceb-n-3> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.

Lima, Stella Telles Pereira. A língua Umutina: "um sopro de vida", 1995. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/tese:lima-1995>>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

Quezo, Luizinho Ariabô. Construção de frase na língua Umutina a partir dos seus elementos culturais. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua, Arte e Literaturas). Unemat. Barra do Bugres, 2006.

Schmidt, Max. 1941. Los Barbados o Umutinas en Matto Grosso (Brasil). Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Tomo V, N. 4, p. 1-51. Disponível em :<http://biblio.etnolinguistica.org/schmidt_1941_barbados>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

Schultz, Harald. 1952. Vocabulário dos Índios Umutina. Journal de la Société des Américanistes, N.S., 41:81-137. Disponível em:< <http://biblio.etnolinguistica.org> >. Acesso em: 05 de maio de 2023.

Schultz, Harald. Vinte e três índios resistem à civilização. São Paulo, Edições 1953. Disponível em: < <http://www.etnolinguistica.org/biblio:schultz-1953>>. Acesso em: 01 de junho de 2022.

Tan Huare, Ducinéia. Léxico remanescente Umutina: repertório linguístico de seus lembrantes./Ducinéia Tan Huare. Cáceres/MT: UNEMAT, 2015. Disponível em: < <http://www.etnolinguistica.org/tese:tan-huare-2015> >. Acesso em: 01 de outubro de 2022.